

**A GUERRA NA UCRÂNIA
E A CRISE ABERTA
DO SISTEMA
IMPERIALISTA MUNDIAL**

**Stefan Engel, Gabi Fechtner,
Monika Gärtner-Engel**

Verlag Neuer Weg

Julho de 2022
Stefan Engel, Gabi Fechtner,
Monika Gartner-Engel

A Guerra na Ucrânia e a Crise Aberta do Sistema
Imperialista Mundial

Título original
Der Ukrainekrieg und die offene Krise
des imperialistischen Weltsystems

Editor: Comité Central do
Partido Marxista-Leninista da Alemanha

Verlag Neuer Weg
no Mediengruppe Neuer Weg GmbH
Alte Bottroper Str. 42, 45356 Essen
verlag@neuerweg.de
www.neuerweg.de

Produção completa:
Mediengruppe Neuer Weg GmbH

ISBN -----
ISBN E-Book -----

Índice

A Guerra na Ucrânia e a Crise Aberta do Sistema Imperialista Mundial

1. A guerra na Ucrânia e o agudo perigo de uma Terceira Guerra Mundial -----
2. A política externa dos países imperialistas para preparar uma Terceira Guerra Mundial -----
3. A interacção entre o fascismo e a guerra -----
4. A transição para a guerra económica mundial ---
5. A guerra na Ucrânia acelera o desenvolvimento até uma catástrofe ecológica global -----
6. A transição do oportunismo até ao social-chauvinismo -----
7. Uma nova fase de desestabilização acelerada do sistema imperialista mundial -----
8. Resistência activa contra a Terceira Guerra Mundial -----

1. A guerra da Ucrânia e o perigo agudo de uma

terceira guerra mundial

O conflito entre a NATO e a Rússia, cuja tensão estava a aumentar há anos, coloca-se como uma guerra aberta no meio da Europa em 24 de Fevereiro de 2022 com a invasão maciça do território ucraniano pelas tropas russas.

No mesmo dia, a Ministra das Relações Exteriores da Alemanha *Annalena Baerbock*/"Die Grüne" declarou, de forma demagógica, que os "delírios" do presidente russo *Vladimir Putin* eram a causa da guerra; eles são inaceitáveis para a "comunidade mundial" (1). O chanceler federal alemão *Olaf Scholz* reconheceu em 27 de fevereiro de 2022 como causa da guerra "uma única causa: a liberdade dos ucranianos coloca em questão o próprio regime repressivo (de Putin)." (2) Putin, por sua vez, justificou demagógicamente a sua invasão, alegando que o objectivo da guerra era "desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia" (3).

Nenhuma dessas explicações e tentativas de justificação, entretanto, chega ao cerne da questão: é uma guerra entre a Rússia neo-imperialista e a Ucrânia capitalista que é *injusta de ambos os lados*.

Incitada e fortemente armada pela NATO com os EUA à cabeça, a Ucrânia está a actuar como representante desta aliança militar imperialista. A Ucrânia esforça-se para aderir à UE e à NATO a fim de realizar as suas próprias ambições de poder. A verdadeira causa social desta guerra reside "no desenvolvimento económico e político desigual dos Estados imperialistas, o que exige uma *redistribuição das áreas de influência*" (4). De

acordo com o clássico da ciência militar, Carl von Clausewitz, a guerra é a “continuação da política por outros meios” (5). Portanto, é necessário examinar a “*totalidade* dos dados sobre os fundamentos da vida econômica de *todas* as potências beligerantes e do mundo *inteiro*” (6) que precederam a guerra na Ucrânia.

A luta pela redivisão do Mundo

O colapso da superpotência social-imperialista União Soviética e do Conselho de Assistência Econômica Mútua (CMEA) em 1990/1991 levou a um mercado mundial unificado. Isto teve implicações na *reorganização da produção capitalista internacional*. Este processo de reorganização econômica e política do mundo alterou radicalmente todo o sistema mundial imperialista precedente (7). Todos os países imperialistas e os principais monopólios internacionais do mundo competiram ferozmente pelo domínio do recém-criado mercado mundial.

Enquanto isso, monopólios domésticos e estruturas monopolistas do Estado tinham surgido na China e em alguns países populosos que antes eram dependentes neocolonialistas. Isto levou ao surgimento de uma série de *novos países imperialistas*. Já em 2017, existiam pelo menos 14 novos países imperialistas, com mais de metade da população mundial a viver neles (8). Estes têm-se disputado com os EUA, o Japão e Estado da UE pelos mercados e esferas de influência. Alguns

destes países construíram uma supremacia imperialista regional, como a Índia, Turquia, Rússia, África do Sul, Arábia Saudita e Brasil. Eles perseguem visões da sua própria supremacia imperialista, desenvolvendo aparelhos de poder militar que crescem rapidamente e formam centros de poder político-ideológico em todo o mundo para manipular a opinião pública. Isto foi acompanhado por um perigoso desenvolvimento à *direita* dos governos de todos os países imperialistas, cujo clímax temporário foi a presidência americana do fascista Donald Trump de 2016 a 2020.

A internacionalização da produção e do comércio foi seguida pela *internacionalização da luta de classes* e dos movimentos sociais. Formou-se um crescente proletariado industrial internacional com perto de 746 milhões (9) de operários industriais. Este proletariado colocou-se, a partir de então, na vanguarda de conflitos de classe e greves de importância mundial.

Os movimentos de mulheres militantes, jovens e ambientalistas também tomaram um novo impulso em todos os países e a luta pelos direitos e liberdades democráticas desdobrou-se.

A competição inter-imperialista intensificou-se drasticamente após 2020, sobretudo com a *crise económica e financeira global que começou em 2018* em interacção com a devastadora pandemia do Coronavírus. Os EUA, anteriormente a única superpotência, haviam claramente perdido terreno tanto económica como politicamente. A *China*, por outro lado, ascendeu para se tornar uma

superpotência económica e estava prestes a substituir os EUA como principal potência mundial. A China esforça-se para assumir este papel no campo político e militar. Este é o objectivo do seu gigantesco projecto "Nova Rota da Seda", que tem vindo a ser implementado desde 2013. *A rivalidade entre os EUA e a China* domina actualmente as contradições inter-imperialistas, cujo desenvolvimento se está a desdobrar simultaneamente de forma multipolar. O *bloco imperialista da UE* também se tem vindo a posicionar cada vez mais em concorrência com os EUA, mas também com a China. Dentro da Europa, a UE e a Rússia estão a lutar pela hegemonia política.

A Rússia baseia o seu distinto perfil como potência neo-imperialista, por um lado, na sua *riqueza gigantesca, sobretudo em matérias-primas fósseis*. Por outro lado, preserva a sua força militar que ficou dos tempos da União Soviética social-imperialista como uma das duas maiores potências nucleares do mundo. Desde 2008, continuou a expandir a sua força bélica. Em contraste, a Rússia é ainda economicamente fraca. A sua produção industrial em 2020 foi menos de metade da produção da Alemanha. Os imperialistas russos estão conscientes de que o seu sonho de uma grande superpotência russa só se pode tornar realidade absorvendo o potencial das antigas repúblicas soviéticas. Já em 1997, o ex-conselheiro de segurança americano Brzezinski tinha escrito: "Sem a Ucrânia, a Rússia deixa de ser um império

euro-asiático." (10)

Desde então, a *Ucrânia é um foco da luta de poder inter-imperialista*. Tanto os EUA e a UE quanto a Rússia estão a focar a expansão estratégica das suas esferas de influência europeias na Ucrânia.

A política de poder imperialista da Rússia

Em 2014, os Estados ocidentais promoveram o derrube do governo pró-russo de Yanukovych e, sob o primeiro-ministro pró-ocidental Yatsenyuk, a Ucrânia foi associou-se à UE. Isto levou a uma área de livre comércio UE-Ucrânia em 2016 (11). A privatização de centenas de empresas estatais, especialmente nas áreas da mineração e da agricultura, integrou cada vez mais a Ucrânia na esfera de influência do imperialismo dos EUA e da UE. Ao mesmo tempo, a Rússia, aproveitando a opressão de secções da população russa do Donbass, instigou uma guerra com o objectivo de anexar essa parte rica em recursos do leste da Ucrânia.

Em *contraste fundamental com a União Soviética socialista*, o imperialismo russo interfere sistematicamente nos *assuntos internos de outros países*: em 2008, as tropas russas marcaram pela Geórgia adentro, cujo governo estava a orientar-se para o Ocidente, e, desde então, a Rússia tem ocupado parte do país. Em 2014, a Rússia *anexou a Crimeia* após uma invasão militar e agora pode controlar todo o Mar Negro a partir daí. Em 2015, apressou-se a ajudar o regime de Assad na *Síria*,

que se encontrava sitiado, não apenas a salvar o poder do regime com ataques aéreos desumanos, mas também a expandir a sua própria influência estratégica no Médio Oriente. A Rússia mantém os chamados acordos de segurança com cerca de 40 dos 54 Estados africanos ou coopera com eles de alguma outra forma (12).

Os sucessos da Rússia resultaram num *enfraquecimento estratégico do imperialismo americano* e de outras potências da NATO, também devido à guerra do Iraque lançada pelos EUA em 2003, que nunca foi capaz de atingir os seus objectivos, e à campanha fracassada da NATO no Afeganistão de 2001 a 2021. Em 2015, a Rússia, juntamente com a Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e Arménia, fundou a *União Económica Eurasiática* sob a sua liderança. A recusa da Ucrânia em aderir a esta aliança foi um amargo revés para as grandes ambições de poder do imperialismo russo.

A rivalidade das potências imperialistas China e EUA

Enquanto a guerra da Ucrânia acontece, desenvolve-se uma luta feroz entre os EUA e a China pela supremacia no *Indo-Pacífico*. Em 18 de Fevereiro de 2022, pouco antes do início da agressão imperialista russa, o jornal americano *Foreign Policy* escreveu: "Washington deve preparar-se para a guerra tanto contra a Rússia como contra a China" (13).

Num discurso, em Março de 2022, o

presidente americano Joe Biden afirmou que a guerra na Ucrânia fazia parte da "grande luta ... entre democracia e autocracia, entre liberdade e opressão, entre uma ordem baseada em regras e uma ordem dominada pela força bruta." (14)

No entanto, a "ordem baseada em regras" elogiada por Biden nada mais é do que a ditadura do capital financeiro internacional liderado pelos EUA em cooperação com seus aliados ocidentais.

O vice-ministro chinês das Relações Exteriores, Le Yucheng, referiu-se à guerra da Ucrânia quando advertiu, em Março de 2022:

"A estratégia Indo-Pacífico (dos EUA) é tão perigosa quanto a estratégia da NATO de expansão para o leste na Europa. Se não for colocado sob controle, terá consequências inimagináveis e mergulhará a região da Ásia-Pacífico no abismo". (15)

A China construiu o maior exército do mundo em termos de números para salvaguardar a sua ambição em se tornar numa potência mundial. A aliança militar "*Organização de Xangai para a Cooperação*", liderada pelas potências nucleares China e Rússia, tem como principal objectivo combater a influência da NATO.

A ameaça à Rússia por parte da NATO

Desde 1990, os EUA e a NATO têm – apesar das promessas incontestáveis em contrário – constantemente avançado com a sua expansão para o leste. Como resultado, as tropas da NATO

chegaram às fronteiras da Rússia em muitos lugares, e os mísseis de curto alcance representam uma ameaça directa ao território russo. Após os países bálticos, Polónia, República Checa, Eslováquia, Hungria, Roménia e Bulgária, Eslovénia, Albânia e Croácia, Montenegro e Macedónia do Norte se tornarem membros da NATO, os EUA também tentaram integrar a Ucrânia na NATO. Isto falhou inicialmente devido à resistência da UE, especialmente da Alemanha e da França, que não quiseram comprometer as suas relações económicas e políticas com a Rússia.

No Fórum Económico Mundial de 2022 em Davos, o Secretário Geral da NATO, *Jens Stoltenberg*, gabou-se das medidas da NATO para a guerra contra a Ucrânia:

"Nós ... agora temos mais de 40.000 soldados sob o comando directo da NATO, apoiados por significativas forças no ar e no mar. Temos grupos de combate posicionados do Mar Báltico até ao Mar Negro e 100.000 tropas estão em alerta máximo. ... Nós expandimos os exercícios ... e pela primeira vez, uma unidade anfíbia dos EUA também foi colocada sob o comando da NATO" (16)

O carácter reaccionário da sociedade ucraniana

A Ucrânia dispõe agora dos *pré-requisitos essenciais para se desenvolver num país neo-imperialista*. É o segundo maior país da Europa com vastos recursos minerais, grandes áreas de solo

negro fértil, uma classe trabalhadora bem formada e monopólios concentrados em parte nas mãos do Estado e em parte nas mãos dos oligarcas (17). A Ucrânia tornou-se um *concorrente sério* mesmo na fronteira do *imperialismo russo*.

Os EUA, em particular, proporcionaram à Ucrânia armamento e treino militar em grande escala após a anexação da Crimeia pela Rússia. As tropas ucranianas participaram em exercícios conjuntos da NATO. As despesas da Ucrânia com armamentos aumentaram 142% entre 2012 e 2021 (18). No início de 2019, o parlamento ucraniano incluiu na Constituição o objectivo de aderir à NATO e à UE. Em Agosto de 2021, o presidente ucraniano *Volodymyr Zelensky* declarou, com arrogância chauvinista, que a "contagem decrescente para a reconquista" da Crimeia estava agora em andamento (19).

Em Abril de 2022, *Ursula von der Leyen*/CDU, Presidente da Comissão da UE, apresentou o Presidente ucraniano Zelensky perante a imprensa mundial, como modelo do herói na luta pela liberdade e democracia:

"Finalmente, nós estamos ao vosso lado quando vocês sonham com a Europa ... A minha mensagem de hoje é que a Ucrânia pertence à família europeia" (20).

Enquanto que sob o idílio da família europeia há uma luta feroz de todos contra todos, na realidade não há uma diferença significativa na desejada Ucrânia em comparação com as realidades da oligarquia na Rússia. Recentemente,

em 2020, o burguês "Ranking da Democracia" da Universidade de Würzburg tinha classificado a Ucrânia como um "regime híbrido" entre "democracia" e "autocracia" ainda atrás das "democracias deficientes" (21).

Por exemplo, o homem mais rico da Ucrânia, *Rinat Akhmetov*, tem uma fortuna privada de 7,6 bilhões de dólares americanos. Amigo de longa data de Putin, ele agora apoia a NATO e a UE para salvar o seu império, que inclui "fábricas de aço e tubos, minas de carvão, centrais de energia, parques eólicos, empresas de telecomunicações, um estaleiro, bancos, seguradoras, estações de televisão, jornais, grandes armazéns, centros logísticos, quintas e o Shakhtar, o clube do seu coração" (22). Outros magnatas são "o armador Andrey Stavnitser e o agro-industrial Vadim Nesterenko" (23). Nos relatórios ocidentais, estes oligarcas são quase invisíveis por trás da figura incandescente de Zelensky. Em 23 de Fevereiro de 2022, um dia antes da invasão da Rússia, os 50 *monopolistas mais ricos da Ucrânia* e Zelensky juraram uns aos outros "de tudo fazer para fortalecer a unidade nacional e impedir uma ocupação do país" (24).

As perspectivas para um povo "libertado" da Ucrânia integrado na NATO e na UE parecem menos paradisíacas. Isto é demonstrado pela realidade de outros países que já "desfrutaram" desta libertação: cidades bombardeadas na Sérvia após a guerra da NATO em 1999, a subjugação neocolonial e a integração de grandes partes dos

Balcãs no imperialismo da UE, um caminho aberto para o domínio talibã no Afeganistão; pobreza, caos e corrupção no protetorado (pela UE) do Kosovo (25), a promoção de monopólios, oligarcas e governos de direita como os seus governantes na Polónia ou Hungria, a pobreza desenfreada e a venda de bens públicos através de programas de crise ditados pela UE na Grécia. A admissão da Ucrânia na NATO e na UE não seria nenhum gesto de humanismo, mas é tão valiosa para os imperialistas ocidentais porque representaria um enfraquecimento considerável do imperialismo russo e daria mais peso às suas próprias alianças.

2. A política externa dos países imperialistas na preparação de uma Terceira Guerra Mundial

O método essencial para reorganizar a produção capitalista internacional era lidar com a concorrência, implementando uma política de cooperação e coordenação com base na *penetração económica* mútua. Desta forma, os *monopólios internacionais* e os *Estados imperialistas* procuraram alcançar o *domínio económico* ou a *hegemonia política*. Ideologicamente isto era apresentado com a frase "mudança pelo comércio". Em 1994, a NATO e 23 países europeus e asiáticos, incluindo a Rússia e outros não membros da NATO, lançaram uma "Parceria para a Paz". Promissoramente, a NATO anunciou na sua Cúpula de Bruxelas, em 10 de Janeiro de 1994:

"Esta parceria é fundada como expressão da

convicção compartilhada de que a estabilidade e a segurança na área euro-atlântica só podem ser alcançadas através da cooperação e da acção conjunta." (26)

A Agência Federal para a Educação Política Alemã (bpb) revelou abertamente em 2009, em parceria com o Conselho Conjunto Permanente NATO-Rússia de 1997, que isto apenas serviu para o apaziguamento, e que nunca houve a intenção de concessões reais:

"Desistir da expansão da NATO estava fora de questão para eles; eles complementaram esta expansão com uma nova forma de cooperação consultiva com a Rússia na sede da NATO em Bruxelas". (27)

Muito apropriadamente, o livro "Crepúsculo dos Deuses - Sobre a 'Nova Ordem Mundial'", de 2003, afirma:

"O desenvolvimento real refuta qualquer ideia de que a penetração económica, como principal método do imperialismo, tornaria as guerras supérfluas e que poderia haver um imperialismo pacífico". (28)

Nem mesmo as iniciativas diplomáticas celebradas no período que antecedeu à invasão russa da Ucrânia, foram conduzidas com grande vontade de encontrar soluções de compromisso, nem por parte da NATO nem por parte da Rússia. Obviamente, a mudança na balança de poder havia chegado a um ponto em que os interesses imperialistas em conflito só poderiam ser resolvidos *através da guerra*. Isto significa um *salto qualitativo*

da política de paz imperialista para a política de guerra imperialista. Durante a Primeira Guerra Mundial, Lenine apontou a seguinte relação legítima :

" No capitalismo é impossível o crescimento uniforme do desenvolvimento económico das diferentes economias e dos diferentes Estados. No capitalismo são impossíveis outros meios de restabelecimento de tempos a tempos do equilíbrio alterado que não sejam as crises na indústria e as guerras na política.". (29)

A escalada da guerra na Ucrânia está ligada à *viragem* para políticas estrangeiras e militares abertamente agressivas de quase todos os países imperialistas em *preparação para a Terceira Guerra Mundial*.

Todos os países da NATO, após o início da guerra, rearmaram-se massivamente, aumentaram drasticamente as suas despesas militares e enviaram contingentes adicionais de tropas para a Europa Oriental. Dentro de alguns meses, até 10 de Maio de 2022, os países da NATO em particular concederam à Ucrânia pelo menos 34 biliões de euros para armas e ajuda militar. Para apoio financeiro e "humanitário" do esforço de guerra da Ucrânia, pelo menos outros 33 biliões de euros vieram dos EUA, Grã-Bretanha, UE, ONU e do Banco Mundial (30). A manipulação da opinião pública assumiu o carácter de *guerra psicológica* e em muitas ocasiões transformou-se em *belicismo aberto*.

A NATO provocou novamente a Rússia com a sua "expansão ao norte" quando a Finlândia e a Suécia abandonaram a sua *política de neutralidade militar e de não-alinhamento* mantida durante décadas e se candidataram à adesão à NATO. Isto ampliou o confronto directo entre a NATO e a Rússia em 1.300 quilómetros de fronteira. *Outros países imperialistas* fora da NATO também ajustaram a sua política externa à nova situação – de acordo com os seus respectivos interesses. Mais de 40 países (31) reuniram-se em 26 de Abril de 2022 na base militar americana em Ramstein/Alemanha para apoiar a estratégia militar da NATO. Foi formada uma *nova aliança militar anti-russa*, tendo como núcleo a NATO, sob a liderança do imperialismo americano; reuniões neste formato foram combinadas para acontecerem mensalmente.

A *Índia* neo-imperialista rejeita as sanções contra a Rússia e está a manobrar entre a cooperação com a Rússia e os países da NATO. Shinzo Abe, ex-primeiro ministro do Japão, trouxe a "partilha nuclear" para o debate público, desafiando um tabu na política japonesa. A *Turquia* neo-imperialista, que é membro da NATO e mantém estreitas relações tanto com a Rússia como com a Ucrânia, está a tentar perfilar-se no papel de mediador entre as partes beligerantes.

O "ponto de viragem" do Imperialismo Alemão

Com as decisões de 26/27 de Fevereiro de 2022, também o *governo alemão* fez uma mudança

em direção a uma *política externa imperialista abertamente agressiva*. Foi esquecido o acordo de coligação do novo governo federal SPD/Verdes/FDP, com apenas alguns meses de existência, que pomposamente prometeu "uma política ofensiva de desarmamento" e "política restritiva de exportação de armas" (32). Na implementação da "*mudança dos tempos*", como o chanceler Scholz chamou à mudança de rumo, surgiram *fortes contradições* dentro da coligação governante, dentro dos partidos governantes e entre os vários partidos no Parlamento Federal. As contradições dos grandes monopólios e das massas com o governo também cresceram. Estas contradições, bem como a grande dependência da Alemanha dos combustíveis fósseis e da exportação global de capital e bens, inicialmente levou a atrasos na entrega de armas à Ucrânia e nas sanções contra a Rússia.

Depois de o imperialismo russo não ter conseguido atingir o seu objectivo de uma rápida "decapitação" e a instalação de um governo pró-russo em Kiev com a sua "operação militar especial", concentrou as suas tropas na rápida anexação do leste e sul da Ucrânia. Isto abriu uma *segunda fase da guerra*.

Nestas partes da Ucrânia há uma *concentração especial* da produção de aço, depósitos de carvão, campos de gás inexplorados, centrais nucleares, grandes agronegócios monopolistas e uma força de trabalho bem formada. Com a captura de cidades portuárias

estrategicamente importantes, como Mariupol e Odessa, a Rússia procura ter acesso terrestre à península da Crimeia anexada. Também visa bloquear o acesso ao Mar de Azov e ao Mar Negro, uma jogada que procura enfraquecer a economia de exportação da Ucrânia, de forma duradoura.

A NATO muda os objectivos na Guerra da Ucrânia

A resistência bem-sucedida das tropas ucranianas contra a tomada de Kiev pelos invasores russos mudou o *objectivo estratégico* da NATO no seu apoio à Ucrânia sob pressão do imperialismo americano: da inicial "*suspensão das hostilidades*" passou-se à "*derrota dos invasores russos*". Numa reunião apressadamente organizada com Volodymyr Zelensky em Kiev, em 24 de Abril de 2022, juntamente com o Secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, o Secretário de Defesa norte-americano Lloyd Austin proclamou:

"Acreditamos que eles podem vencer se tiverem o equipamento certo e o suporte certo Queremos que a Rússia seja enfraquecida ao ponto de não voltar a ser capaz de algo como invadir a Ucrânia". (33)

É claro que as massas do mundo desejam, com razão, que algo como a invasão da Ucrânia pelas tropas russas não volte a acontecer. Mas o que agora se tornou aparente foi o verdadeiro objectivo da NATO, apenas camuflado em termos humanitários: o *enfraquecimento estratégico da Rússia neo-imperialista* e, portanto, também da sua

"Organização de Cooperação de Xangai" com a China. Entretanto, estes objectivos não são possíveis de ser alcançados sem o armamento massivo do exército ucraniano através da entrega de armas pesadas da NATO, do treino do exército ucraniano nos países da NATO e, finalmente, sem a sua intervenção directa. A invasão russa da Ucrânia trouxe ao imperialismo americano a constelação desejada para impor a sua própria estratégia e para colocar os imperialistas da UE alinhados neste agressivo curso de guerra.

As forças decisivas do *capital monopolista alemão* abandonaram a sua estratégia inicial – limitar e terminar a guerra o mais rápido possível – e decidiram apoiar a intensificação do curso da guerra dos EUA e da NATO. Em 28 de Abril de 2022, o Bundestag [Parlamento Federal, N.d.Tr.] alemão, numa "coligação muito grande", decidiu fornecer armas pesadas à Ucrânia (34), dando um *salto qualitativo na participação da Alemanha* na guerra da Ucrânia.

Em resposta à entrega de armas pesadas pela NATO à Ucrânia, a Rússia declarou-as, prontamente, *alvos de ataque do exército russo* (35).

A Rússia ameaçou com o uso de *armas nucleares tácticas*. O seu uso já estava deliberadamente incluído no conceito de segurança nacional russa desde 2000, que estipulava a "consolidação da posição da Rússia como uma grande potência" (36). O Secretário-Geral da NATO, Jens Stoltenberg, preparou a rescisão do Acta

Fundadora da NATO-Rússia, no qual a NATO se comprometeu, entre outras coisas, a não estacionar armas nucleares na Europa Oriental.

É uma mentira hipócrita quando a *NATO* e o *governo alemão* afirmaram, até Maio de 2022, que não se queriam tornar, em circunstância alguma, parte da guerra. Em contraste com isso, um relatório especializado dos Serviços Científicos do Bundestag alemão enfatizou, já em 16 de Março de 2022, em linguagem jurídica rebuscada, que do ponto de vista do *direito internacional*, a *função de treino associada à entrega de armas poderia ser avaliada como uma entrada na guerra*, porque

"só se, também estivessem em questão a instrução da parte em conflito e/ou o treino em tais armas, abandonar-se-ia a área segura da não participação na guerra". (37)

Um treino de 18 tripulações ucranianas no uso da arma ofensiva Tanque-Haubitze 2000 foi oficialmente iniciado pela Bundeswehr [Forças Armadas Alemãs] em 11 de Maio de 2022 em Idar-Oberstein/Alemanha (38). A NATO já está a culpar a Rússia por uma possível escalada para uma guerra mundial nuclear, mas a *mudança de estratégia* da aliança ampliada da NATO está a preparar de forma irresponsável a expansão da guerra em *direcção a uma terceira guerra mundial*. Os participantes não podem controlar mais a dinâmica própria de tal conflito e devem contar com todas as opções – até, incluindo, uma troca devastadora de golpes com armas atómicas, biológicas e químicas.

3. A interacção entre o fascismo e a guerra

A guerra imperialista e o fascismo são como gémeos siameses. Willi Dickhut dizia:

"O fascismo não é apenas uma forma de governo da reacção mais sombria, da pior opressão dentro do país contra o seu próprio povo, mas também significa uma agressão assassina ao exterior, contra outros povos. *Fascismo significa guerra!*" (39)

A lei burguesa de guerra legaliza as matanças, a destruição e a devastação após o início da guerra contra um oponente militar. Como regra, isto está simultaneamente ligado a um estado nacional de emergência.

No interesse do capital financeiro russo, o presidente russo Putin já tinha construído a sua posição de poder ao longo dos anos com métodos profascistas. Ele eliminou a oposição crítica ao governo, desmantelou a liberdade de imprensa e colocou os meios de comunicação social críticos sob controle estatal. Os verdadeiros Marxistas-Leninistas são perseguidos e sofrem severas dificuldades no seu trabalho.

Vladimir Putin mantém uma cooperação diversificada e estreita com indivíduos e organizações profascistas e fascistas na Europa, tais como Golden Dawn na Grécia, o AfD na Alemanha, o Rassemblement National na França ou o Fidesz na Hungria. Começando na Rússia, as "fábricas de trolls" espalham milhões de vezes na "comunicação social" reacçãoárias teorias de conspiração, incitações racistas contra os

refugiados e propaganda chauvinista.

Imediatamente com a guerra aberta, o desenvolvimento reaccionário na Rússia deu um *salto qualitativo*. A organização da ICOR (40) – Plataforma Marxista-Leninista (MLP) da Rússia – escreve apropriadamente sobre isso:

"Foi estabelecida uma ditadura fascista na Rússia". (41)

Com uma maioria de dois terços do partido de Putin "Rússia Unida" e o apoio acrítico ao curso de guerra imperialista por todos os partidos representados na Duma (42), Putin pode *governar sem restrições, mesmo sem declarar formalmente a lei marcial*. Como resultado, quase todos os meios de comunicação críticos foram impossibilitados de trabalhar. A internet e as "redes sociais" apenas podem ser utilizadas para propaganda pró-governamental. A autoridade de censura *Roskomnadzor* proibiu a descrição da invasão da Ucrânia como "guerra". Desde 4 de Março de 2022, "desacreditar as Forças Armadas da Federação Russa" e difundir "informações falsas" sobre as Forças Armadas estão sujeitas a penalizações severas. Em caso de reincidência, os acusados enfrentam até 15 anos de prisão. Já nos primeiros dez dias da guerra ucraniana, pelo menos *13.000 protestantes anti-guerra foram presos e severamente punidos*, incluindo muitos marxistas-leninistas que tomaram parte nos corajosos protestos.

O anti-comunismo na guerra da Ucrânia

A fim de ganhar sorrateiramente uma *base de massa simpática entre o povo russo*, Putin minimiza demagogicamente a guerra de agressão da Rússia como uma "operação militar especial" de carácter antifascista.

O Partido Comunista Operário Russo (RKRP), membro da rede de solidariedade neo-revisionista SolidNet, expõe esta justificação fraudulenta:

"De um ponto de vista de classe, os governantes russos, como os dos EUA e da UE, não se importam com o povo trabalhador do Donbass, assim como os da Rússia e da Ucrânia. Não temos dúvidas de que os verdadeiros objectivos do Estado russo nesta guerra são inteiramente imperialistas...". (43)

Em contraste, os revisionistas do Partido Comunista Alemão (DKP) ainda certificaram em 2017 que a Rússia "age de forma anti-imperialista". (44) Após o início da guerra, avançaram com a fábula de uma legítima "prevenção contra um ataque iminente". (45)

Nem mesmo o facto de o próprio Putin colocar o anticomunismo aberto no centro para legitimar o seu ataque pode abalar o DKP nesta absurda visão. Três dias antes da invasão imperialista da Ucrânia, Vladimir Putin emitiu uma declaração política, atacando a política socialista de nacionalidades dos *bolcheviques*, a saber, *Lenine* (46) e *Estaline* (47). De acordo com isto:

"a Ucrânia de hoje ... foi inteiramente

criada ... pela Rússia bolchevique, comunista. ... Lenine e os seus camaradas fizeram-no de forma extremamente impiedosa contra a Rússia". Ele viu a responsabilidade nas "ideias de uma estrutura estatal confederativa e no lema do direito de autodeterminação dos povos, chegando até à secessão", na qual se baseava a "condição de Estado Soviético". (48)

De facto, a *política socialista de nacionalidades* sob Lenine e Estaline e a guerra de agressão imperialista russa são *como fogo e água*. A união voluntária das nações socialistas na URSS, a promoção dos seus respectivos idiomas e culturas e a coexistência internacionalista de todas as repúblicas soviéticas e dos seus grupos étnicos foram os seus princípios nevrálgicos. A Grande Guerra Patriótica e a sua vitória sobre o fascismo de Hitler foram apoiadas por todas as nacionalidades soviéticas.

Que descarados são os escribas anticomunistas na Alemanha, que insinuam, como repetindo uma reza, que Putin está na *tradição de Estaline*. O jornal capitalista *Handelsblatt* afirma sobre Putin:

"Ele é um Estaline que sofreu de paranoia e massacrou o seu povo à vontade". (49)

É mais provável que os formadores de opinião burgueses sofram de paranoia e tenham medo da atracção do socialismo e das conquistas da liderança estatal de Estaline, que foram trazidas à discussão pelos ataques de Putin! Afinal de contas,

foi o alto comando sob Estaline que liderou a *libertação bem sucedida da Ucrânia do fascismo de Hitler*. O Exército Vermelho, juntamente com os heróicos partisanos, derrotou a Forças Armadas Alemãs (*Wehrmacht*). Em nome do capital financeiro alemão, a *Wehrmacht* assassinou quatro milhões de pessoas na Ucrânia, fez dez milhões de sem-abrigo, destruiu 16.150 empresas industriais, 400 minas de carvão e arrasou 714 cidades e 28.880 localidades. Os mineiros que se recusaram a colaborar com o fascismo de Hitler foram atirados vivos aos poços das minas. (50)

Organizações fascistas ucranianas, como a liderada por *Stepan Bandera*, colaboraram com o fascismo. É um escândalo que este homem possa, ainda hoje, ser venerado com impunidade como um “herói” pelo embaixador *Andriy Melnyk*, um amigo de fascistas (51). *Bandera* era um ardente anti-semita e co-responsável na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos fascistas de Hitler, pela deportação e assassinato de 800.000 judeus na Ucrânia. (52) Nem uma palavra de protesto é emitida pelos cruzados combatentes contra o anti-semitismo dos partidos burgueses da Alemanha enquanto *Melnyk* espalha o seu provocante belicismo!

O tratamento liberal para com os fascistas na Ucrânia e a sua promoção parcialmente sistemática, chegando até à integração da fascista Brigada Azov no exército ucraniano, servem a Putin como uma das *linhas justificativas* para a sua invasão da Ucrânia. Ao misturar verdades, meias-verdades e

mentiras, ele está demagogicamente a explorar o orgulho justificado das massas russas e ucranianas sobre a vitória da União Soviética socialista sobre o fascismo de Hitler. Desta forma, ele desvia as atenções dos verdadeiros motivos da guerra de agressão: a actual luta do neo-imperialismo russo pela supremacia na Europa.

A Ucrânia - um estado capitalista profundamente reaccionário

É um escárnio quando o Chanceler Olaf Scholz/SPD afirma que a guerra da Rússia contra a Ucrânia "é dirigida contra tudo o que constitui democracia" (53). Na realidade, tudo o que constitui a democracia burguesa já havia sido suprimida na Ucrânia nos anos anteriores sob o *domínio dos oligarcas* e também sob o governo de Volodymyr Zelensky. Em 2015 os *símbolos comunistas* foram proibidos e as lutas dos trabalhadores foram suprimidas, mesmo depois de o governo de Zelensky ter chegado ao poder. Durante anos, a UE rejeitou o pedido de adesão da Ucrânia por ela não satisfazer critérios essenciais, tais como uma "democracia estável baseada no Estado de direito, ... mas também ... uma economia de mercado funcional e competitiva" (54). Em Setembro de 2021, ou seja, muito depois da eleição de Zelensky como presidente em 2019, o Tribunal de Contas Europeu (TCE) confirmou que a Ucrânia tinha "corrupção em larga escala como um problema central" (55). A organização Humedica já declarava, em 2021, sobre a situação social na Ucrânia:

"Um salário mensal de cerca de 350 euros e custos de vida nos padrões da Europa Ocidental – hoje mais de 45% da população são considerados pobres. Quem na Ucrânia depender de assistência médica ou que der à luz uma criança doente ou mesmo deficiente, muitas vezes se depara com a ruína financeira.". (56)

Por outro lado, em 2021, só os sete homens mais ricos do país tinham uma fortuna privada de 11,9 bilhões de dólares americanos (57). Em Janeiro de 2022, entrava em vigor na Ucrânia uma lei linguística racista que discrimina o idioma russo na esfera pública – embora 40% da população ucraniana falem russo na esfera privada.

Com o início da guerra, a *lei marcial foi imposta* na Ucrânia e todos os direitos e liberdades democráticas foram abolidos. A *violência* tornou-se o principal método de dominação: trabalho forçado, expropriação, restrição da liberdade de movimento, proibição total de reuniões e greves, proibição de partidos, censura dos meios de comunicação, serviço militar obrigatório, confinamento de estrangeiros ou suspensão de eleições.

Qualquer oposição ao regime de Zelensky é agora perseguida com base na acusação de "actividade pró-russa" e *eliminada*. Em 18 de Março de 2022, o presidente emitiu um decreto proibindo as actividades de onze partidos de oposição, incluindo o Bloco das Forças de Esquerda, a Oposição de Esquerda e o Partido Socialista da Ucrânia. Isto foi seguido em 20 de Março por um decreto para fundir todos os canais de notícias

nacionais sob controle governamental.

O Conselho Coordenador do Movimento dos Trabalhadores da Ucrânia (KSRD), membro da ICOR relata *ataques especialmente intensificados contra a classe trabalhadora*:

"Ao mesmo tempo, as autoridades ucranianas endureceram a lei trabalhista sob a lei marcial. ... demissão bem mais facilitada dos trabalhadores, o aumento da semana de trabalho de 40 para 60 horas e a abolição dos feriados públicos. ... Todas as greves são proibidas". (58)

A hipocrisia de *Volodymyr Zelensky* – bem encenada numa camisola verde-azeitona e uma barba de três dias – é difícil de ser superada quando aparece nos meios de comunicação social internacionais como um *corajoso defensor da liberdade e da democracia*.

A classe trabalhadora e as amplas massas na Ucrânia têm *todo o direito de se oporem à agressão imperialista russa, de armas na mão*, contra a guerra de agressão imperialista da Rússia. No entanto, na luta pela paz imediata, este governo não é um parceiro honesto. Ainda mais, na luta pela libertação social é essencial que também seja *alcançada uma vitória sobre o seu próprio governo, o derrube do regime reaccionário de Zelensky*. Nesta complicada *guerra de duas frentes*, as massas ucranianas merecem plena solidariedade do internacionalismo proletário.

A guerra impulsiona uma viragem à direita a nível mundial

Em 24 de Maio de 2022, o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán declarou o estado de emergência no seu país pela terceira vez (59), após uma emenda precipitada à Lei Base no parlamento, alegando que a guerra na Ucrânia é 'um perigo constante para a Hungria' (60). O seu governo de emergência tem à sua disposição um rico arsenal de medidas reaccionárias: suspensão de leis ou da sua aplicação (61), proibição de greves, redução para metade dos impostos comerciais às empresas, acesso à vontade ao tesouro do Estado (62), punição, até cinco anos de prisão, pela difusão de notícias desfavoráveis (63).

No entanto, não são apenas os governos amplamente conhecidos por todos como reaccionários, como o de Viktor Orbán, que estão a agudizar o seu rumo. Na Alemanha, como na maioria dos países europeus e nos EUA, está a *impulsionar-se* o desenvolvimento da sociedade à mdireita, e a *militarização* e o *carácter fascista* do Estado estão a aumentar.

Na Alemanha, partes da lei marcial já entram em vigor em “*caso para a aliança*” (64) e completamente no chamado “caso de defesa” nos termos do artigo 115a da Lei Base. Mesmo com um ataque armado classificado como “imminente”(65), a Bundeswehr pode ser activada dentro do país e aplica-se todo o arsenal da *legislação de emergência*. Isto significa: proibição de reuniões e greves, restrições maciças à liberdade de expressão e aos meios de comunicação, confiscação de bens, ordens de conversão de produção ou trabalho

forçado, e prisão imediata de uma pessoa se “existirem fundamentos substanciais ou factuais para se suspeitar que ele ou ela está a cometer, a promover ou causar actos que são puníveis como sedição, ponham em risco o Estado, traição contra o país ou um delito contra a defesa nacional...” (66).

De tudo isso se depreende o medo indisfarçável dos governantes da inevitável resistência à pobreza, ao desemprego, às consequências da guerra e da crise. Para o movimento internacional da classe trabalhadora e popular, é indispensável combinar *a luta contra a guerra e o fascismo com a luta pela preservação e extensão dos direitos e liberdades democráticas* como uma escola para a luta pelo socialismo.

4. A transição para a guerra económica mundial

Os países da NATO impuseram *sanções* massivas à Rússia como uma *arma de guerra*. O primeiro *pacote de sanções da UE* de 23 de Fevereiro foi seguido por mais cinco até 3 de Junho de 2022. Além disso, foram impostas sanções por muitos países individuais, como os EUA, Grã-Bretanha, Canadá, Japão, Suíça, etc.

Em primeiro lugar, medidas como o congelamento de bens e proibições de entrada, inicialmente foram dirigidas contra 1091 indivíduos e 80 organizações, incluindo oligarcas ou o ministro das relações exteriores russo Sergey Lavrov e o presidente Vladimir Putin.

O segundo alvo foram as empresas e bancos: entre outras coisas, as acções das empresas estatais russas já não podem ser negociadas na UE. Os bancos russos, incluindo o Banco Central Russo, não podem mais emprestar ou pedir dinheiro à UE. Sete grandes bancos russos foram excluídos do sistema de pagamento SWIFT.

Em terceiro lugar, as sanções são dirigidas contra as importações e exportações da economia russa. Os países ocidentais, liderados pela NATO, cessaram o recentemente concluído gasoduto Nord Stream 2, proibindo também a importação de carvão russo, as actividades de agências de transportes russos e bielorrussos na UE e a entrada de navios de bandeira russa nos portos da UE. Além disso, existem proibições específicas de exportação para os sectores de alta tecnologia da Rússia no valor de 10 biliões de euros, proibições ampliadas à importação e a exclusão da Rússia de contratos públicos e fundos europeus. Com o sexto pacote de sanções, a UE decidiu um embargo ao petróleo que, entretanto, só se aplica a petroleiros e não a oleodutos.

As sanções como um todo assumiram o carácter de uma *guerra económica global* com os correspondentes efeitos na economia política do sistema mundial imperialista. Ao contrário da absurda promessa de que as sanções económicas poderiam parar a guerra, elas *não têm influência directa no curso concreto da guerra*.

Para o presidente da CDU [União Cristã-Democrata], *Friedrich Merz*, o propósito da política

de sanções contra a Rússia é "quebrar a coluna vertebral do complexo industrial-militar deste país". (67)

Quer dizer, o *objectivo estratégico* é *arruinar a economia russa e deter a ascensão da Rússia como uma potência neo-imperialista.*

Sob a condição de produção internacionalizada e devido ao facto de *154 países do mundo* – incluindo grandes países como China, Brasil, Índia, México, Indonésia e até mesmo a Turquia, membro da NATO – *não terem até agora aderido às sanções*, a NATO dificilmente conseguirá atingir os seus objectivos. *As sanções financeiras são minadas*, entre outras coisas, pelo SWIFT alternativo chinês CIPS e pelo sistema SPFS criado pela Rússia, ao qual 400 bancos russos estão ligados. Por exemplo, a Índia, que tem de importar 80% das suas necessidades de petróleo, concordou em "importar mais de três milhões de barris de petróleo bruto da produção russa" em pleno período de deliberação de sanções (68). Muitos países da Ásia, África ou América Latina comercializam com a Rússia como um suposto aliado na luta contra a exploração neocolonial dos seus países pelos EUA. Alguns também querem expandir as suas próprias ambições imperialistas.

Além disso, a cooperação com os necessários *fornecedores substitutos* de energia para a Europa não é, de forma alguma, livre de problemas. Logo após o acordo de fornecimento alternativo de gás com o Qatar, o emirado reaccionário exigiu garantias de compra de, pelo

menos, 20 anos a preços ultrajantes. (69) Até lá, no entanto, a Alemanha quer prescindir do uso de combustíveis fósseis, quase por completo.

Ao contrário de todas as declarações de intenção dos governos ocidentais, são *as massas russas quem suporta o principal fardo da política imperialista de sanções* – e não os belicistas e oligarcas, os principais responsáveis. Somente em Moscovo, 200.000 trabalhadores perderam os seus empregos porque as empresas estrangeiras cessaram as suas operações e as cadeias de abastecimento internacionais foram em grande parte cortadas. Já em Março de 2022, a inflação na Rússia subiu para 17,3% (70).

A Rússia, o parceiro comercial favorito da Alemanha até 2021 e fornecedor de 55% do gás consumido na Alemanha, ainda fornecia, em meados de Abril de 2022, gás natural com uma capacidade de cerca de 2.400 gigawatts-hora por dia. Além disso, a Alemanha obtinha cerca de 50% do seu carvão importado e cerca de 35% de seu petróleo bruto da Rússia (71).

Acima de tudo, as empresas alemãs de energia, química e aço, que até agora lucraram particularmente com as relações económicas com a Rússia, *não querem levar as sanções ao extremo*. O chefe da BASF, Martin Brudermüller, advertiu com urgência o governo alemão contra a paragem nas entregas de gás russo: Tal medida "poderia levar a economia alemã à sua pior crise desde o fim da Segunda Guerra Mundial e destruir a nossa prosperidade". (72)

Ao contrário da propaganda burguesa da grande unidade entre a NATO e a UE, o chefe da monopolista Associação da Indústria Alemã (BDI), *Siegfried Russwurm*, já rejeitou bruscamente, em 7 de Março de 2022, a exigência do governo dos Estados Unidos de uma separação da economia alemã da China e da Rússia:

"Não temos sido e não seremos receptores de ordens do governo americano. ... Os crimes (de Putin) não são o fim do comércio global e da divisão global do trabalho. A troca, não o isolamento, continua sendo nosso princípio". (73)

O chanceler Scholz une-se à ameaça de que um embargo de gás "de um dia para o outro ... atirava o nosso país e toda a Europa numa profunda recessão." (74) *O medo de massivos protestos políticos e do desenvolvimento da luta da classe proletária* contra a transferência do fardo da crise e da guerra para as costas das massas, é uma força motriz da gestão da crise do governo federal.

No entanto, com a mudança de estratégia da NATO, decidida no final de Abril, o governo alemão também deixou de lado quaisquer inibições que tinha tido até então. Ele impôs o fardo da guerra e da crise cada vez mais abertamente, sobre as massas. *A especulação* nos alimentos, matérias-primas de todos os tipos e produtos energéticos, *alimentada pela política de sanções* está a provocar um enorme aumento da inflação. Os chamados "*pacotes de alívio*" para parte da população, encetados pela coligação do governo SPD, "Verdes" e FDP, são apenas um amortecimento de curto prazo.

Cinicamente, o vice-chanceler Robert Habeck justifica o embargo ao petróleo contra a Rússia, dizendo:

"Isto ... será uma imposição. ... depois quando os preços subirem esse é o preço que pode ... e tem de ser pago". (75)

A propaganda de *colaboração de classe e de sacrifício* tornou-se *parte essencial da guerra psicológica*. O portal de Internet *Telepolis* revelava que: "A afirmação de que a inflação é produto da guerra na Ucrânia é, portanto, simplesmente uma falsidade. Também é imediatamente perceptível que a guerra ainda não causou nenhuma quebra de colheita na Ucrânia ou na Rússia ... Também o gás e o petróleo fluem da Rússia para o Ocidente aos preços combinados. ... A fixação dos preços não é determinada pelos custos actuais, como geralmente é presumido, mas é orientada para especulação de lucros futuros". (76)

Consequentemente, a revista *Wirtschafts Woche* entusiasmou-se em 18 de Março de 2022:

"O mercado para o petróleo bruto é ... também ideal para investir dinheiro. ... Por exemplo, quem quer que tenha investido nos últimos doze meses ... em petróleo pôde quase dobrar a sua participação em termos do preço de um barril de petróleo bruto". (77)

Isto, naturalmente, contraria o efeito das sanções. A Rússia, por exemplo, espera ganhar 13,7 bilhões de euros adicionais em exportações de combustíveis fósseis este ano, apesar dos embargos (78).

A crise aberta da reorganização da produção internacional

Mais importantes do que as *repercussões económicas imediatas* das sanções são os choques globais e, portanto, estratégicos na estrutura da reorganização da produção internacional. As implicações destes são dificilmente previsíveis. Ao contrário dos monopólios americanos, que produzem e vendem os seus produtos principalmente no enorme mercado interno, os monopólios internacionais alemães produzem principalmente no exterior e realizam lá os seus lucros máximos (79). A guerra económica do Ocidente contra a Rússia tem um *efeito duplo*. Pois, ao mesmo tempo, impulsiona a Rússia a desenvolver ainda mais decisivamente a expansão das "relações amistosas" com os países hostis às sanções e, acima de tudo, com a China neo-imperialista num *bloco económico, político e militar*.

Desta forma, a política de sanções da NATO e da UE provoca o *fim do mercado unificado mundial*, a principal condição económica para a reorganização da produção internacional. Já está a tornar-se evidente que a guerra económica global iniciada irá expandir-se no futuro. Por exemplo, no Fórum Económico Mundial, em Davos, em Maio de 2022, o Secretário-Geral da NATO, Stoltenberg, exigiu um *afastamento da economia da China* sob o lema demagógico "A liberdade é mais importante do que o livre comércio". (80) A divisão internacional do trabalho existente até agora é posta em causa, ao

mesmo tempo que continua a ser uma necessidade indispensável para a produção industrial monopolista que gera o máximo de lucros. Importantes *redes de produção* estão a ser *desmanchadas* e sectores industriais inteiros estão a ser forçados a desligar-se das cadeias de matérias-primas e produtos intermediários e com isto mergulhados em crises permanentes. A restrição ou até mesmo o corte total dos mercados de venda anteriormente abertos também dificulta as *vendas do aumento da produção em massa* pelos super-monopólios. As consequências para a economia mundial ainda não são previsíveis, especialmente porque este desenvolvimento se dá em cima de uma *crise logística, energética e de matérias-primas*, bem como uma *escalada das guerras comerciais*, que já tinham surgido no período que antecedeu a guerra. Num mau presságio, a ministra alemã das Relações Exteriores, Annalena Baerbock, previu um futuro "furacão de crises" no mundo (81).

Na economia mundial, instalou-se uma *crise aberta da reorganização da produção internacional*, que *acelera enormemente* a desestabilização do sistema mundial imperialista. A transição para a guerra económica mundial agudiza intensamente a *principal contradição* entre as *forças produtivas revolucionárias internacionalizadas*, por um lado, e o *poder estatal-nacional e a organização das relações capitalistas de produção*. Isto empurra para a frente o perigo de uma *Terceira Guerra*

Mundial. No livro *O "Crepúsculo dos Deuses sobre a 'Nova Ordem Mundial'"* é afirmado:

"O facto do imperialismo poder iniciar a reorganização da produção, mas nunca poder criar um Estado mundial por causa de suas contradições internas insolúveis, *revela que o imperialismo atingiu um limite relativo do seu desenvolvimento histórico*. As forças produtivas modernas exigem relações de produção que correspondam ao seu carácter internacional, mas estas só podem ser realizadas em estados unidos socialistas do mundo". (82)

5. A guerra na Ucrânia acelera o desenvolvimento de uma catástrofe ambiental global

Mesmo antes da crise da Ucrânia, *a transição para uma catástrofe ambiental global estava a acelerar*. Mais ou menos todos os países imperialistas anunciaram medidas drásticas de protecção ambiental, principalmente em resposta ao massivo movimento ambiental mundial, especialmente entre a juventude. Mas, logo após a invasão da Ucrânia pelos russos, eles declararam uma mudança de *paradigma na política ambiental*. De agora em diante, a *protecção climática*, anteriormente tida como objectivo principal, teria de ser *subordinada aos "interesses de segurança"*, ou seja, à *preparação de uma terceira guerra mundial*. Em 31 de Março de 2022, o Presidente americano,

Biden, anunciava:

"Devemos a longo prazo colocar a segurança acima da vulnerabilidade energética e climática". (83)

A *destruição irresponsável* da unidade integral do homem com a natureza está, portanto, a assumir uma *nova qualidade*. O slogan demagógico de Biden foi apoiado pela indústria de armas alemã. O Diretor-Geral da Associação Alemã da Indústria de Segurança e Defesa, *Dr. Hans Christoph Atzpodien*, já formulou o novo princípio "relevante para o sistema" no final de 2020 que "segurança... é a 'mãe' da sustentabilidade e da correspondente prosperidade". (84) Foi tarefa de Olaf Scholz e da sua equipa governamental colocar o *movimento ambiental também na Alemanha* na nova linha da *política externa e ambiental*. Robert Habeck, filósofo e Ministro Federal da Economia e Protecção Climática, respondeu demagogicamente às crescentes críticas a isso, mesmo entre a Juventude Verde, com um neologismo verbal de "patriotismo ecológico". (85)

O "*patriotismo ecológico*" de Habeck, entretanto, não é nada mais que uma nova variante do *chauvinismo social* (86). Desta vez, os trabalhadores e as grandes massas devem somente renunciar às suas justificadas exigências sociais, económicas e políticas e aceitar sem resistência a intensificação drástica da crise ambiental.

A reviravolta do imperialismo americano na política ambiental também está ligada ao objectivo de se tornar uma *superpotência energética*. Em

conexão com a proibição por parte dos EUA em 8 de Março de 2022, das importações de petróleo, carvão e gás da Rússia (87), o *New York Times* comentava que:

"O Presidente Biden deixou em grande parte de promover os seus ambiciosos planos para combater a mudança climática e, em vez disso, está a concentrar-se em bombear petróleo e gás o máximo possível ". (88)

Além disto, Biden quer fortalecer a dependência da Europa em relação aos EUA e recuperar o terreno perdido na economia global e na diminuição da confiança da população americana na sua administração. Somente nos EUA, a Administração Federal de Energia planeia aumentar o *fracking* em 15% (89) até 2030. O Fórum dos Países Exportadores de Gás quer um aumento global de 66%. (90)

Na Alemanha, os "Verdes", em particular, estão a provar ser um aliado condescendente. O Ministro Federal "Verde" para Assuntos Económicos, Habeck, pressionou fortemente para a construção de *terminais de gás natural liquefeito* (GNL) em Brunsbüttel, Stade e Wilhelmshaven, algo a que o seu partido sempre se opôs ferozmente, a fim de poder importar gás de *fracking* dos EUA. A fim de dar um verniz ecológico ao assunto, estes terminais devem, supostamente, também ser utilizáveis para a importação de hidrogénio.

O gás natural e o de *fracking* danificam o clima, não apenas através do CO₂ produzido durante a combustão e dos produtos químicos

bombeados para a terra, mas também através da libertação maciça de metano, gás de efeito estufa, dos poços e das fugas em gasodutos. O metano tem um potencial de aquecimento global 20 vezes maior do que o CO₂ (91) e causou 16,4% do aquecimento global em 2019 (92).

Sob a bandeira demagógica de nunca mais fornecer dinheiro para as violações dos direitos humanos de um Vladimir Putin, o governo alemão reestruturou não apenas o fornecimento do gás, mas também o do *petróleo*; concluiu contratos de fornecimento com o *governo do Qatar*. É um escárnio quando o Ministro das Finanças, *Christian Lindner*, declara: "Queremos parceiros comerciais que também sejam parceiros de valor." (93)

Os Xequês ultra-reaccionários do Qatar, o com seu regime feudal-fascista são exactamente as pessoas certas! Por que razão Lindner e Habeck deveriam importar-se com as sistemáticas violações dos direitos humanos, com o apoio óbvio das organizações terroristas fascistas EI (Estado Islâmico) e a proximidade ideológica e política do Qatar com o regime fascista talibã do Afeganistão? É possível tornar-se um "parceiro de valor" para os democratas burgueses alemães simplesmente por estar do lado "certo" na guerra económica global contra a Rússia, ou seja, contra o actual principal concorrente imperialista.

A *expansão das energias renováveis* propagada por Robert Habeck e pela UE, por outro lado, permaneceu extremamente fragmentada ou foi estritamente direccionada para os monopólios. O

artigo 8 da taxonomia da UE, por exemplo, estipula que projectos de turbinas eólicas por empresas serão promovidos como "verdes" se as empresas tiverem mais de 500 funcionários e estiverem orientados para o mercado de capitais (94).

Já no início de 2022, o Ministro Federal Habeck defendeu a classificação do *gás natural* como uma "*tecnologia de transição*" (95) particularmente digna de promoção, como uma transição para as energias renováveis. A Comissão da UE deu prontamente a sua bênção – incluindo a promoção da energia nuclear. (96) Aos interesses a que este desastre ambiental político atende é revelado pela exigência abertamente expressa da Federação das Indústrias Alemãs (BDI) após o início da guerra:

"sem reservas ideológicas, devemos considerar o prolongamento do tempo de funcionamento das três centrais nucleares ainda em actividade e das últimas três centrais que foram desligadas". (97)

Em linguagem clara, "sem reservas ideológicas" significa apoiar incondicionalmente os planos imperialistas para a preservação e expansão da energia nuclear e colocar em perigo a saúde da população de forma irresponsável e significativa.

As *centrais de energia nuclear* representam perigos incalculáveis. Todas as centrais nucleares dependem de um fornecimento seguro de energia para arrefecer os seus elementos combustíveis. Se este fornecimento for interrompido pela guerra ou por desastres naturais, por exemplo, há um risco de

meltdown (98). Isto é ilustrado pelos exemplos históricos de Chernobyl e Fukushima.

Intimamente ligada à promoção de centrais nucleares está o *uso militar da energia nuclear*. O presidente francês, Emmanuel Macron, declarou de forma aberta:

"Sem energia nuclear civil, não há energia nuclear militar; sem energia nuclear militar, não há energia nuclear civil". (99)

A desejada renascença da energia nuclear também está claramente voltada para o *armamento da Europa com armas nucleares*. O mesmo se aplica ao fortalecimento da "participação nuclear" da Alemanha no âmbito da NATO, o que se reflecte na aquisição de aviões de caça F-35 americanos aptos como portadores de armas nucleares.

O perigo crescente da guerra nuclear

Em 2021, nove potências nucleares imperialistas possuíam juntas, aproximadamente, 13.080 armas nucleares. Em termos puramente matemáticos, o potencial destrutivo destas armas seria suficiente para destruir várias vezes a biosfera da Terra.

Os estrategas militares imperialistas, tanto da NATO como da Rússia, estão actualmente a desenvolver o *conceito criminoso de uma guerra nuclear limitada* – como nos anos 80.

O Presidente russo Putin está a ameaçar descaradamente em usar armas nucleares (100) e o Presidente Biden está a reiterar a reivindicação dos

EUA para o primeiro uso de armas nucleares. (101) O míssil supersónico, equipado com armas nucleares, "Dark Eagle" pode alcançar e destruir Moscovo a partir da Alemanha em 21 minutos e 30 segundos. (102) Desde março de 2022, os soldados americanos estão a treinar com este sistema. (103) Até agora, a rejeição da guerra nuclear tinha sido um consenso natural nos movimentos ambiental e pela paz. Em 31 de Março de 2022, um artigo da Greenpeace deu à "possibilidade de uma guerra nuclear limitada " (104) um selo de aprovação ambiental trivial:

"No caso do uso de uma arma nuclear táctica a onda de calor, onda de explosão e radiação ficariam provavelmente limitados a alguns quilómetros". (105)

Na realidade, cada arma nuclear – mesmo as tácticas – traz imensa destruição, enormes danos e mortes em massa ao longo de centenas de quilómetros quadrados. A especialista nuclear *Nina Tannenwald* esclarece os absurdos jogos mentais nucleares:

"Mesmo uma arma nuclear com 'pequeno poder explosivo' (0,3 quilotoneladas) causaria danos muito superiores aos causados por um explosivo convencional. ... A precipitação radioactiva contaminaria o ar, o solo, a água e o abastecimento de alimentos " (106).

As armas nucleares conhecidas como "mini-nukes" – um nome que as banaliza – não tornam um ataque nuclear menos perigoso; muito pelo contrário, elas tornam-no uma *opção ainda mais*

real, tendo como consequência uma escalada incontrolável.

Uma ilusão comum, mas altamente perigosa, é a de que a razoabilidade dos imperialistas não lhes permitiria uma guerra nuclear. Todos os ambientalistas e combatentes pela paz devem combinar a sua luta para salvar o meio ambiente com a luta contra a guerra imperialista e *exigir a proibição e a destruição de todas as armas atômicas, biológicas e nucleares (ABC) em todo o mundo.*

Concorrência perigosa pela energia e matérias-primas

O movimento ambiental global tem sido capaz de extrair algumas promessas e concessões dos monopólios e governos em relação ao desenvolvimento das energias renováveis. A energia hoje abundante e industrialmente barata de ser produzida, baseada na energia eólica, solar e outras energias alternativas, bem como o armazenamento de energia, faz parte da *abrangente preparação material do socialismo na unidade do homem e da natureza.* Sob o domínio dos monopólios, porém, este potencial de progresso científico e técnico não se concretiza; pelo contrário, ele transforma-se num negócio destinado a render o máximo de lucro, voltado para a presecução da liderança no mercado mundial.

Actualmente, 98% de todas as células fotovoltaicas são fabricadas nos novos países imperialistas da Ásia, 77,7% das quais somente

pelos monopólios chineses (107), enquanto a participação dos monopólios dos EUA e da UE diminuiu. (108) Na produção de turbinas eólicas, os monopólios da UE Vestas, Siemens-Gamesa, Nordex e Enercon têm uma participação de 29,7% do mercado mundial, mas permanecem atrás da China, que produz 54,6%. Aqui também, os EUA estão muito atrasados com apenas 11,7%. (109) A crise da Ucrânia é o *culminar da competição inter-imperialista por energia e matérias-primas*.

A crise aberta do ecologismo imperialista

As variantes do *ecologismo imperialista até à data*, caíram numa *crise aberta*. O seu credo era a suposta "*compatibilidade da ecologia e da economia capitalista*". Também fracassou abertamente a idolatria propagandista do objectivo há muito falhado do aquecimento global máximo de 1,5 graus do Acordo Climático de Paris de 2015.

Mesmo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU, normalmente bastante inofensivo, vem alertando desde 2021 sobre um aquecimento global que ameaçaria as pessoas com *ondas de calor mortíferas* (110). Em Fevereiro de 2022, prognosticou o perigo de "reações em cadeia" descontroladas que colocariam em perigo 3,6 biliões de pessoas. Isto, entretanto, deixa os monopólios internacionais de energia e matérias-primas completamente indiferentes. Eles não pensam, nem em pesadelos, deixar de incorporar e explorar cada vez mais as fontes de energia fóssil. Em 2017, apenas 100

supermonopólios foram responsáveis por 71% de todas as emissões industriais de CO2 no mundo. (111) De 2008 a 2020, a produção global de carvão aumentou 16,6% (112), a produção de petróleo 4,1% (113) e a produção de gás natural 27% (114).

Crises de alimentos e fome criadas deliberadamente

A Rússia e a Ucrânia produzem juntas 64% do óleo de girassol, 23% do trigo e 18% do milho e, portanto, uma parte significativa das exportações mundiais de alimentos. (115) A guerra de agressão russa contra a Ucrânia está a destruir e a roubar a produção e distribuição destes alimentos vitais para o mundo. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), somente no final de Abril de 2022, quase 25 milhões de toneladas de grãos estavam presos na Ucrânia, bloqueados pelo exército russo e por portos minados. (116) Além disso, a política imperialista de sanções está a restringir severamente a exportação destes alimentos, existencialmente necessários, para muitos países da Ásia e da África.

Como resultado, a *crise dos alimentos* básicos está a agravar-se de forma galopante em direcção a uma crise alimentar transnacional com consequências económicas, políticas e sociais de longo alcance. Em todo o mundo, 811 milhões de pessoas já passam fome e dois biliões sofrem de desnutrição. (117) Desde Fevereiro de 2022, os preços dos alimentos dispararam em todo o mundo. (118) A fim de explorar a escassez de alimentos

básicos, os monopólios agrícolas na UE estão a pressionar para expandir a sua produção de grãos e aumentar excessivamente os preços dos alimentos.

Para servir este propósito, devem ser abandonadas as exigências *"dispendiosas" para a protecção ambiental na agricultura*. As metas de preservação da biodiversidade, proclamadas no acordo de coligação do actual governo federal, desapareceram na gaveta: por exemplo, os planos de explorar 25% das terras agrícolas de forma ecológica até 2030, deixar 4% das terras agrícolas em repouso a partir de 2023 e reduzir pela metade o uso de pesticidas. (119) Isto é devastador em vista à dramática extinção de espécies, com mais de um milhão de espécies ameaçadas de extinção em todo o mundo.

Saque dos recursos naturais

O aumento mundial de orçamentos bélicos, com mais de dois triliões de dólares americanos em gastos com armamento em 2021 (120) e, mais ainda com a guerra, são factores decisivos na crise ambiental. Não apenas dezenas de milhares de vidas e as condições de vida de milhões de pessoas estão a ser destruídas, como a biosfera também está a ser destruída a um ritmo acelerado, as matérias-primas estão a ser desperdiçadas e o aquecimento global está a ser intensificado.

Somente as forças armadas americanas emitem mais CO₂ do que o mediano país industrializado, como a Suécia. (121) Além disso, os

recursos são desperdiçados e a terra e a água são poluídas e inutilizadas por bases e transportes militares.

Com a guerra, um *desastre ambiental regional* está a desenvolver-se na Ucrânia. A região do Donbass, com 900 grandes instalações industriais, incluindo 248 minas, 177 fábricas químicas perigosas e 113 instalações que utilizam substâncias radioactivas, é uma das áreas mais contaminadas do planeta. (122) Até 2021, a contaminação generalizada das águas subterrâneas já se tinha desenvolvido, principalmente devido à inundação das minas, de modo que cerca de 3,4 milhões de pessoas não têm acesso a água limpa. (123) O bombardeio de siderurgias como a de Mariupol libertou enormes quantidades de substâncias ultra-toxinas e metais pesados. Regiões inteiras podem tornar-se inabitáveis por muito tempo.

Na *crise ecológica mundial* revela-se a podridão e a selvajaria do sistema imperialista mundial. Reconhecer e processar conscientemente este desenvolvimento é crucial para que as massas assumam uma *luta ambiental socialmente transformadora*, sob a liderança da classe trabalhadora com a perspectiva de um socialismo genuíno.

6. A transição do oportunismo para o social-chauvinismo.

Desde o início de 2022, começou pelo mundo

inteiro a manipulação da opinião pública através da *guerra psicológica* a fim de conquistar as massas para uma guerra imperialista.

Com o início da guerra na Ucrânia, o *social-chauvinismo* transfronteiriço assumiu uma nova dimensão como influência de 24 horas por dia. Cada país imperialista usou os seus meios de *comunicação social monopolizados* para forçar uma verdadeira *guerra de desinformação e até mesmo de aberto belicismo*. O livro "*A crise da ideologia burguesa e do oportunismo*" prova isso:

"Nas crises, quando os seus custos e encargos são transferidos para as massas, quando a burguesia luta contra desenvolvimentos revolucionários ou se encaminha para a guerra - em resumo: por norma, quando as contradições se intensificam, o oportunismo transforma-se em *social-chauvinismo*. O seu princípio orientador é a propagação da completa subordinação da classe trabalhadora aos interesses da classe nacional burguesa" (124).

Na Conferência de Segurança de Munique em 19 de Fevereiro de 2021 – já um ano antes da guerra da Ucrânia - o Presidente dos EUA, Joe Biden, comprometeu os EUA e outros países imperialistas da NATO em "defender a soberania e a integridade territorial da Ucrânia" (125). Biden não abandonou a *política "América primeiro"* de Donald Trump, como a maioria dos analistas burgueses encobrem. Pelo contrário, ele sistematizou-a numa estratégia e tática da reivindicação hegemónica dos EUA ao poder. Para encobrir este núcleo, ele

vende o projecto com hipocrisia chauvinista e social-chauvinista como um compromisso para com as democracias ocidentais.

Isto levou a um *novo nível da propagação do modo de pensar pequeno-burguês social-chauvinista*: A classe trabalhadora internacional deve identificar-se da forma mais patriótica possível com a exploração e o belicismo imperialista no seu próprio país. Em vez de perseguir os seus interesses como classe proletária, participar da resistência activa contra a preparação da Terceira Guerra Mundial e voltar-se para a preparação da revolução socialista internacional, deveria resignar-se ao "mal menor": a "democracia" do imperialismo americano ou da Europa Ocidental, que supostamente é muito melhor do que o imperialismo russo ou chinês.

O presidente russo Vladimir Putin também fomentou o modo de pensar pequeno-burguesa e social-chauvinista das massas na Rússia muito antes da invasão da Ucrânia. Num artigo "Sobre a unidade histórica dos russos e ucranianos", ele espalhou a *demagogia étnica (Völkisch)*:(126)

"Russos, ucranianos e bielorrussos são todos descendentes dos antigos russos, que eram o maior estado da Europa" (127).

Com esse grande chauvinismo russo, Putin, não só preparou ideologicamente a invasão da Ucrânia, mas também novas campanhas de conquista. Na sua ilusão nacionalista, ele ignorou o facto histórico de que o (antigo) Rus foi uma união de tribos maioritariamente ucranianas num estado

feudal. Mais tarde, os czares russos pressionaram os povos e territórios não-russos a tornarem-se parte dos seus impérios e transformaram a Rússia numa prisão de nações.

A todos aqueles que defendem um dos principais partidos imperialistas em guerra, que lhes seja lembrado o que Lenine inequivocamente comentou sobre as explicações enganosas da origem das guerras imperialistas:

" A questão de saber qual foi o primeiro grupo a desferir o primeiro golpe militar ou a declarar a guerra é irrelevante para qualquer determinação das tácticas dos socialistas. As frases de ambos os lados sobre a defesa da pátria, a resistência à invasão inimiga, uma guerra de defesa, etc., não passam de um logro para o povo." (128).

A máquina de propaganda do imperialismo americano afecta mais de mil milhões de pessoas em 212 países, sobretudo através do canal de notícias *CNN Internacional* (129). Via *Russia Today (RT)*, *Sputnik* e através de mensagens direccionadas em "redes sociais" – chamadas de "brigadas de web" – os neo-imperialistas russos glorificam a sua guerra de agressão em mais de 100 países (130). A RT tem quase 30 milhões de seguidores somente na América Latina. Os "pontos de vista alemães..." (131) são divulgados em especial pela *Deutsche Welle* em 32 idiomas, entre 289 milhões de "contactos de usuários" em cinco continentes.

Jornalistas de todo o mundo relatam "ao vivo", de manhã à noite, do centro da guerra:

imagens horríveis de casas bombardeadas, crianças ucranianas desorientadas e fotos de atrocidades cometidas pelo exército russo, entrevistas com os afectados - tudo isso dá a impressão de estar a ser objectivamente informado e encima dos acontecimentos. Nunca ficamos a saber coisa alguma sobre as operações militares ucranianas, excepto que os soldados resistem "heroicamente".

Neste contexto, a comunicação social concentra-se principalmente na *mobilização das emoções*. A entrega de armas tornou-se uma questão puramente moral e uma expressão de compaixão, empatia e solidariedade, sem alternativa.

Na Alemanha, a novidade foi uma *militarização geral das notícias e programas de comentário*. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, oficiais militares de alto escalão deram entrevistas diárias e envolveram as massas nas considerações estratégicas do curso da guerra do imperialismo alemão. Durante semanas, a *comunicação social burguesa* banuiu os representantes de qualquer ponto de vista *crítico, progressista ou pacifista*. Se eles eram admitidos em casos isolados, eram geralmente estigmatizados como "amigos de Putin". As "perguntas críticas" dos apresentadores de programas de comentário vieram geralmente da direita. Na sua maioria, eles transmitiram, sem qualquer crítica, o *incitamento* de Volodymyr Zelensky e do seu embaixador na Alemanha, Andriy Melnyk, para a *entrega massiva*

de armas.

Com a transição para o *rumo social-chauvinista, processos de crise* desdobraram-se em todos os partidos reformistas: "Os Verdes" ainda prometiam no seu programa para as eleições parlamentares de 2021 "acabar com as exportações de armas europeias ... para zonas de guerra „ (132).

Mas a nova responsabilidade governamental exigia "moldar" a mudança na estratégia da política externa alemã. *Anton Hofreiter*, anteriormente conhecido como um expoente da ala "esquerda" dos "Verdes", revelou-se um dos maiores agitadores. Ele exigiu do imperialismo alemão uma "política real na sua forma mais brutal" como resposta à "natureza implacavelmente brutal" do novo imperialismo russo (133). O seu *pragmatismo reaccionário* rapidamente transformou o ex-campeão antinuclear (134) Hofreiter num belicista desenfreado.

Honestamente preocupados e de forma justificada, mas sem sucesso, 89 membros dos "Verdes" advertiram a liderança do partido: "O que farão vocês no caso de uma nova escalada ...? A NATO utilizará então armas nucleares contra a Rússia?"(135).

O partido reformista de esquerda "DIE LINKE" cambaleou para uma *crise existencial* depois da sua política de anos a subestimar a Rússia neo-imperialista ter *fracassado abertamente*. As contradições no partido sobre o programa de rearmamento do governo federal alemão que – ao

contrário do comportamento de voto da facção do Bundestag – alguns representantes importantes apoiaram avidamente, explodiram abertamente.

Foi o que Bodo Ramelow/"DIE LINKE", Primeiro-Ministro da Turíngia, disse numa manifestação de paz em Gera, em 2 de Março de 2022: "Estamos em guerra ...Agora temos de agir militarmente" (136). Ele criticou veementemente os ainda numerosos opositores à guerra existentes no seu partido: "Simplesmente esmagar a NATO (Nato-Bashing) não resolve problema algum" (137).

Um Primeiro-Ministro "esquerdista" demonstra assim a sua lealdade incondicional ao imperialismo alemão. Em 14 de Janeiro de 2019, ele colocou um arranjo floral no túmulo de Karl Liebknecht, o co-fundador da KPD [Kommunistische Partei Deutschlands-Partido Comunista da Alemanha, proibido em 1956 na República Federal da Alemanha. Não confundir com o atual DKP - Partido Comunista alemão, Am. d. Ü.] sem inibição e com uma ampla presença da comunicação social (138). A frase de Liebknecht é altamente actual hoje: "Nem um homem, nem um centavo para este sistema!"

A disseminação do chauvinismo vai tão longe que mesmo na comunicação social muitas vezes considerada liberal de esquerda, *o fascismo é massivamente branqueado*. Por exemplo, em 20 de Maio de 2022, o embaixador ucraniano Andriy Melnyk teve uma página inteira de entrevista com a *Redaktions-Netzwerk Deutschland*, na qual ele pôde retratar o *regimento fascista Azov* como

completamente inofensivo e de “bravos lutadores” (139). Não esquecer, um regimento que usa símbolos fascistas das SS, tem estado envolvido em crimes de guerra contra pessoas no Donbass desde 2014 e cujo *primeiro comandante Andriy Biletsky*, há apenas alguns anos, se declarou abertamente fascista e anti-semita, fazendo chamadas para a “cruzada” das “raças brancas do mundo.... contra os sub-humanos liderados pelos Semitas”(140). O principal financiador do regimento Azov é o *segundo maior capitalista monopolista ucraniano e oligarca Igor Kolomoisky*, que também apoiou decisivamente a eleição de Zelensky (141) e o tornou grande no seu canal privado de TV 1+1.

A adesão da Finlândia à NATO é justificada em programas televisivos de opinião como um mantra: a história da heroica guerra da Finlândia contra a União Soviética em 1939/40 alegadamente os coloca do lado certo da História. Naquela época, o governo reaccionário finlandês – em nome de governos pró-fascistas e imperialistas – tinha-se recusado a concordar com negociações sérias com a União Soviética socialista sobre correcções de fronteiras que eram absolutamente necessárias para a União Soviética e vantajosas para a Finlândia. A principal preocupação era proteger Leningrado da iminente invasão por parte dos fascistas de Hitler. Em vez disso, a Finlândia atacou as tropas fronteiriças russas. Após derrotar os militares finlandeses liderados pelo arquireaccionário General Mannerheim, a União Soviética absteve-se de ocupar o país. O governo

finlandês “agradeceu” por isso apenas um ano depois, participando na guerra fascista de Hitler contra a União Soviética.

Somente o ponto de vista da classe proletária nos serve como bússola para se ver para além dos argumentos chauvinistas, social-chauvinistas e anticomunistas, espalhados com muito patetismo, e se retirar as conclusões correctas. *À medida que a duração da guerra se estende, cresce o sentimento contra ela* e a sua expansão. Em meados de Março de 2022, as pesquisas mostraram que 67% da população alemã ainda aprovava a entrega de armas à Ucrânia (142). Já em 3 de Maio, apenas 46% estavam a favor da entrega de armas ofensivas (143). Cada vez mais estão a ser feitas críticas à NATO e à política de guerra do governo alemão.

Os governantes *não são capazes de ganhar as massas permanentemente para a guerra imperialista!* Nem mesmo com a sua afirmação de que se recusar a fornecer armas é estar "a negligenciar a ajuda" e a deixar o povo ucraniano à mercê da raiva desenfreada do agressor russo! Por mais complicada que a situação seja, as guerras das nações imperialistas e as suas alianças nunca foram travadas com o objectivo de ajudar e mostrar solidariedade aos povos! Existe apenas uma alternativa: a luta revolucionária dos explorados e oprimidos desses países, tanto da Ucrânia como da Rússia, contra os seus governos, que estão a travar esta guerra com o objectivo de destruir os seus respectivos inimigos. Durante a Primeira Guerra

Mundial, Lenine deu à classe trabalhadora internacional uma visão da luta ideológica contra oportunistas e social-chauvinistas:

" A burguesia e os seus apoiantes no movimento operário... colocam normalmente a questão da seguinte forma: Ou reconhecemos, em princípio, o nosso dever de defender a pátria, ou deixamos o nosso país indefeso. Esta apresentação é fundamentalmente incorrecta. É assim que a questão se coloca na realidade: Ou nos deixamos matar no interesse da burguesia imperialista, ou preparamos sistematicamente a maioria dos explorados, e nós próprios, ... para acabar com ... a guerra" (144).

7. Uma nova fase de desestabilização acelerada do sistema imperialista mundial

Pela primeira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial, aconteceu em 2022 uma escalada directa do confronto militar entre potências imperialistas e blocos de poder. Esta escalada pôs fim a mais de sete décadas de paz imperialista. Até agora aconteceram invasões por tropas de países imperialistas ou guerras por procuração, mas – independentemente de toda a brutalidade, destruição de vidas humanas, locais de produção e habitats – elas desempenharam apenas um papel limitado, subordinado na política mundial.

Com a guerra da Ucrânia e o perigo agudo de uma Terceira Guerra Mundial, surgiu uma *nova fase*

de acelerada desestabilização do sistema mundial imperialista, no âmbito da crise geral do capitalismo. Ela prepara o terreno para uma *crise mundial revolucionária*. Assim, a *natureza propensa a crises do imperialismo* assumiu uma *nova qualidade*. Todas as principais contradições do sistema imperialista mundial estão a escalar rapidamente.

A crise mundial aberta

Com o conflito da Ucrânia, estalou uma *crise mundial política, económica, ecológica e militar aberta*. Esta *nova situação* muda de repente a tarefa da luta de classes revolucionária.

1. *Politicamente*, a crise mundial aberta expressa-se numa alteração universal e *descontrolada da estrutura até agora multipolar*. Isto põe fundamentalmente em questão a ordem mundial imperialista existente e as suas instituições. Os parágrafos laboriosamente formulados do direito internacional, os direitos humanos e os tratados de desarmamento válidos internacionalmente passaram de repente a não valerem o papel em que foram escritos. *Organizações internacionais como a ONU, a NATO e a UE encontraram-se em crises mais ou menos abertas* devido ao antagonismo emergente (145) entre os interesses nacionais de países individuais. Em 24 de Março de 2022, por exemplo, 53 dos 193 Estados-membros da ONU recusaram-se a aprovar uma resolução da Assembleia Geral sobre a cessação imediata das hostilidades da Rússia contra a Ucrânia (146). Logo os EUA, que ainda são o *maiores belicistas do*

mondo, apresentam, como alternativa à ONU paralisada, a fundação de uma "Aliança das Democracias" dominada pelos EUA (147).

2. *Em termos económicos, a crise económica e financeira mundial* que eclodiu em 2018 e que se aprofundou desde então, levou a uma óbvia crise na reorganização da produção internacional.

3. O *comércio mundial* aberto foi posto em causa. Uma guerra comercial irrompeu, e através das sanções contra a Rússia ela transformou-se numa *guerra económica mundial*, na qual mais ou menos todos os países imperialistas estão directa ou indirectamente envolvidos.

4. *Ecologicamente*, o salto qualitativo consiste no facto de que a chamada "*política de segurança*" é explicitamente colocada acima da política ambiental praticada até agora. Esta orientação agrava dramaticamente com a guerra imperialista todos os lados da transição para a catástrofe ambiental global.

5. A *crise militar mundial* põe fim à diplomacia internacional e à sua anterior premissa de pacifismo e paz imperialista. Ela é substituída pela preparação *activa mais ou menos aberta de quase todos os imperialistas para uma Terceira Guerra Mundial*.

6. Isto está ligado a um desenvolvimento massivo à direita, desde a *fascização dos aparelhos estatais* até à transição para o *fascismo* em vários países.

7. Pela primeira vez em décadas, tanto a Rússia como os EUA/NATO estão a preparar-se

activamente para uma *guerra nuclear*, trazendo-a deliberadamente para a discussão e aceitando friamente o perigo.

8. A transição para a preparação activa de uma guerra mundial também *intensifica* as *contradições* sociais na Alemanha, tanto *dentro do capital financeiro alemão como no governo e nos partidos burgueses*. A *crise de confiança* das massas no governo e nos partidos burgueses também está a crescer.

9. A crise da *visão burguesa* do mundo está a aprofundar-se, sobretudo como uma *crise aberta das ilusões fundamentais*. Até agora, estas eram consideradas irrefutáveis, como as da "política externa voltada para a paz", da "mudança através do comércio" ou as inúmeras variantes do ecologismo imperialista. Nas "ilusões fundamentais" recém-lançadas pelo governo federal, como a promessa de uma "transformação sócio-ecológica", desgastam-se logo após serem inventadas.

10. As *crises anteriores agravam-se mutuamente*: a crise económica e financeira mundial, várias crises estruturais no processo de reprodução, a crise da dívida, a transformação acelerada numa catástrofe ambiental global, a crise da política burguesa para os refugiados e a crise da ordem familiar burguesa, as crises da fome em cada vez mais países, a inflação ou as crises sociais à escala mundial aumentam drasticamente. Elas condensam-se numa *tendência internacional de crises sociais gerais* na maioria dos países do

mundo.

11. A *contradição fundamental* da nossa época entre o capitalismo e o socialismo exige uma solução à escala internacional. Esta é a base objectiva da transição para a *luta de classes no seu verdadeiro sentido*.

Lenine escreveu sobre as características gerais de uma situação revolucionária:

“Não estaremos certamente enganados se indicarmos os seguintes três grandes sintomas: (1) quando é impossível para as classes dominantes manterem o seu domínio sem qualquer mudança; quando há uma crise, de uma forma ou de outra, entre as “classes superiores”, uma crise na política da classe dominante, levando a uma fissura através da qual o descontentamento e a indignação das classes oprimidas irrompem. Para que uma revolução tenha lugar, é geralmente insuficiente que “as classes baixas não queiram” viver da maneira antiga; é também necessário que “as classes altas sejam incapazes” de viver da maneira antiga; (2) quando o sofrimento e a carência das classes oprimidas se tornaram mais agudos do que o habitual; (3) quando, como consequência das causas acima mencionadas, há um aumento considerável na atividade das massas, que se deixam roubar sem reclamar em “tempo de paz”, mas, em tempos turbulentos, são atraídas tanto por todas as circunstâncias da crise como pelas próprias “classes superiores” para uma ação histórica independente.” (148).

A transição da etapa da situação não

revolucionária para a etapa da situação revolucionária aguda é iniciada em primeiro lugar, sobretudo, pelos factores objectivos. A concordância do factor subjectivo com os factores objectivos não acontece de repente, mas desenvolve-se como um processo de fermentação mais ou menos duradouro, primeiro político, depois revolucionário, devido às medidas de mitigação da crise e à manipulação da opinião pública. O desenvolvimento de uma crise mundial depende decisivamente do desenvolvimento da consciência de classe do proletariado industrial internacional. Estes últimos devem adquirir a capacidade de coordenar e revolucionar as suas lutas internacionalmente e colocar-se à cabeça da resistência activa das massas populares. O factor decisivo para a determinação, profundidade e estabilidade deste processo é o surgimento e fortalecimento dos partidos Marxistas-Leninistas com influência social geral.

Entretanto, a vigilância revolucionária também deve contar com a possibilidade de que uma base *reaccionária ou mesmo fascista* se desenvolva entre secções das massas com baixa consciência. É nisto que se mostra a aguda contradição no campo ideológico entre o anticomunismo reaccionário e o socialismo científico de vanguarda.

Ninguém pode prever o curso concreto da guerra imperialista na Ucrânia. Mas a *intensificação deliberada da guerra* pelas partes beligerantes e também a sua dinâmica própria significam que a

troca de golpes militares caminha para a *transição para uma Terceira Guerra Mundial*. Isto é baseado numa lei que Clausewitz já descobriu:

“A guerra é um ato de força, e não há limite lógico para a aplicação dessa força. Assim, cada lado obriga o seu adversário a seguir o exemplo; inicia-se uma ação recíproca que, em teoria, deve levar a extremos.”(149)

Em princípio, há apenas duas opções nesta *fase de desestabilização acelerada do sistema mundial imperialista: O início de uma Terceira Guerra Mundial ou a revolução socialista internacional*.

Esta avaliação segue as regularidades do desenvolvimento social e critica a penetrante banalização da agudização deste desenvolvimento na manipulação da opinião pública. Também é possível que esta *fase seja interrompida pela resistência das massas, por causa das contradições entre os imperialistas* ou por causa da capitulação de um ou outro partido de guerra. Mesmo assim, não haveria um retorno fácil ao tempo anterior à guerra da Ucrânia. Entretanto, enquanto esta fase durar, a estratégia e as táticas gerais da revolução socialista internacional devem ser dirigidas contra o perigo agudo de uma Terceira Guerra Mundial. Ela coloca-se com o objectivo de acelerar a transição, à escala mundial, da etapa da situação não revolucionária para a etapa de situação revolucionária. A preparação activa da guerra mundial pelos governos imperialistas, a destruição acelerada do meio ambiente e a transferência do

fardo da crise e da guerra para as costas das massas, colocá-las-á, *cada vez mais, em aberta contradição com o sistema mundial imperialista e provocará as suas lutas.*

Os Marxistas-Leninistas de todo o mundo devem fazer tudo ao seu alcance para usar a crise aberta do sistema mundial imperialista para revolucionar o proletariado industrial internacional e as amplas massas.

8. Resistência activa contra a Terceira Guerra Mundial

Hoje, a consciência, a organização e as experiências de luta da classe trabalhadora e das amplas massas ainda não estão, sem dúvida, a acompanhar a acelerada desestabilização do sistema mundial imperialista. Os países do núcleo imperialista ainda possuem recursos materiais consideráveis para a sua gestão de crises, desorientação, desorganização e desmoralização através do sistema internacionalizado do modo de pensar pequeno-burguês como principal método de governo na maioria dos países. No entanto, eles também exploram as fraquezas dos partidos revolucionários e a sua cooperação internacional.

A formação da consciência sobre a necessidade e o desenvolvimento da resistência activa contra a guerra imperialista e a sua organização abrem o caminho para sincronizar os

factores objectivos e subjectivos para a preparação e implementação da revolução socialista internacional.

A resistência activa faz parte da construção de um novo movimento pela paz. O seu núcleo deve ser a frente unida sob a liderança do proletariado industrial internacional, contra o imperialismo, o fascismo e a guerra.

O novo movimento pela paz fez a sua impressionante primeira aparição na Alemanha em 8 de Maio de 2022, com uma manifestação de Essen a Gelsenkirchen e um comício com mais de 1.500 participantes. 24 organizações, tendo como núcleo a Aliança Internacionalista, e muitos individuais emitiram convocatórias para a manifestação e comício. A construção do novo movimento pela paz inclui a cooperação com todas as forças honestas do movimento pela paz anterior.

Experiências mundiais de luta do proletariado industrial internacional

Na Europa, os trabalhadores gregos e italianos tomaram corajosamente a vanguarda da luta contra a guerra imperialista. Já em 14 de Março de 2022, trabalhadores italianos do aeroporto Galileo Galilei em Pisa, com seu sindicato Unione Sindacale di Base (USB), recusaram-se, com sucesso, a carregar uma carga aérea militar disfarçada de "ajuda humanitária" para a Ucrânia.

Em 6 de Abril de 2022, seguiu-se uma greve geral em 70 cidades da Grécia contra o governo

reaccionário e a guerra da NATO. O porto do Pireu ficou paralisado. Houve manifestações de massas e greves nas principais empresas, portos, transporte público e cadeias de retalho do país. Os trabalhadores portuários de Alexandrópolis recusaram-se a carregar armas pesadas, dos navios para vagões ferroviários, para a guerra ucraniana.

Em 20 de Maio de 2022, os sindicatos de base italianos organizaram uma greve geral em Bolonha sob o slogan: "Fora com a guerra, aumento dos salários e dos gastos sociais!" Ao mesmo tempo, ocorriam manifestações em frente às bases da NATO em mais de 20 cidades (150).

Muitas das vezes essas lutas acontecem isoladas umas das outras e não têm um programa unificado de luta. A resistência activa necessária requer cooperação e coordenação anti-imperialista e antifascista para além das fronteiras nacionais.

A necessidade de superar as ilusões pacifistas

A vontade geral pela paz e a consciência antifascista estão profundamente enraizadas nas massas da população da Alemanha. Imediatamente após o início da guerra da Ucrânia, cerca de 835.000 pessoas manifestaram-se pela paz na Alemanha. O que é necessário, no entanto, é desenvolver a vontade de resistir activamente a esta guerra imperialista e a todos os belicistas. Para isso, as pessoas amantes da paz devem superar a subestimação generalizada do perigo agudo de uma terceira guerra mundial e de todo o tipo de ilusões

pacifistas.

As forças revisionistas ainda estão enlutadas pela URSS burocrático-capitalista antes de 1990/91 e culpam unilateralmente a NATO imperialista pela escalada, adotam acriticamente a justificação de Putin ou espalham ilusões pacifistas. O Partido "Comunistas da Rússia" (CPMR), revisionista, expressou: *"Como comunistas e patriotas, apoiamos a decisão de realizar uma operação militar especial na Ucrânia"* (151).

Que triste submissão ao neo-imperialismo russo! Não é verdade que à bem pouco tempo Vladimir Putin tenha reprovado e cuspidado na cara dos comunistas Lenine e Estaline ao acusá-los de reconhecerem o direito da Ucrânia à sua autodeterminação (152)?

A presidente da Juventude Socialista dos Trabalhadores Alemães (SDAJ) Andrea Hornung vê a Rússia – em contraste com a liderança do DKP – como um país imperialista, mas adverte:

"Devemos distanciar-nos claramente de qualquer posição de "equidistância" (156), segundo a qual a Rússia e a NATO são igualmente agressivas" (153).

É claro que a análise concreta da situação concreta requer uma posição diferenciada, mas acima de tudo uma posição clara. A advertência contra uma suposta "equidistância" não deve – como no caso de Andrea Hornung – levar à visão da Rússia como o melhor imperialista:

"A Rússia, entretanto, está na defensiva em relação à NATO, e como marxistas não podemos

ficar indiferentes a isso" (154).

A ofensiva e a defensiva na guerra são duas formas inseparáveis de movimento. Será uma guerra justa pelo simples facto de pretender ser defensiva? Aqueles que protegem um imperialista porque ele está "na defensiva" negam o carácter de classe do imperialismo e da guerra imperialista. Eles escancaram a porta para defender este e aquele imperialista, e assim deslizam para uma posição social-chauvinista.

Oskar Lafontaine, por muitos anos líder do partido SPD e depois do partido "DIE LINKE", sem dúvida que impressiona com uma análise realista da actual guerra imperialista e claramente pertence ao campo dos seus decididos opositores. Ao mesmo tempo, no entanto, ele espalha a ilusão de que o imperialismo pode dar-se bem sem guerra. Ele justificou a sua saída do partido "DIE LINKE" em 17 de Março de 2022 dizendo que "agora até os princípios da política de paz da esquerda estão a ser arrasados".(155)

No entanto, estes "princípios de política de paz" nunca foram mais do que ilusões pacifistas pequeno-burguesas de paz imperialista, que se concretizariam através de um suposto "equilíbrio de interesses" entre os poderes imperialistas. Mas, como o imperialismo se caracteriza pelo desenvolvimento desigual de cada país, é próprio desta lei de dinâmica que o tão proclamado *equilíbrio de interesses* deixe de funcionar a partir de uma determinada situação. Então a luta das potências imperialistas pelo domínio hegemónico

mundial é travada por meios violentos na *guerra imperialista*. Aqueles que querem abolir as guerras imperialistas devem estar dispostos a eliminar as suas causas legítimas e a superar o imperialismo.

Uma compreensão profunda das mudanças no sistema imperialista mundial actual pressupõe o conhecimento dos fundamentos políticos e ideológicos essenciais da resistência proletária activa. Os activistas devem entender que surgiram vários novos países imperialistas e que é necessária uma imunidade ideológica contra os modos de pensar pequeno-burgueses: o social-chauvinismo, o anticomunismo e também o oportunismo.

A estratégia e a tática da resistência activa

A estratégia e as táticas de resistência activa contra o perigo da guerra mundial visam a *transição da defensiva estratégica da classe trabalhadora internacional à ofensiva estratégica*, indo até à revolução socialista. Isto foi conseguido pela primeira vez na Revolução de Outubro de 1917 na Rússia.

A resistência activa exige um maior desenvolvimento da capacidade dos Marxistas-Leninistas em moverem e *liderarem directamente* as massas.

A resistência activa é *qualitativamente diferente dos protestos*. O programa do MLPD declara:

"O desdobramento da resistência popular

activa ... caracteriza-se por acções militantes de massas contra os monopólios e o Estado" (156).

A resistência activa deve ser sistematicamente promovida e desenvolvida:

"Para facilitar que as massas populares possam dar o passo em direcção à resistência activa, as acções de resistência apropriadas ao respectivo nível de consciência devem ser organizadas em fábricas e bairros, a unidade de acção deve ser fortalecida e grupos de resistência devem ser formados" (157).

A resistência activa só se desenvolve em conexão com a tomada de consciência:

- Da rejeição da guerra, do medo, do mero desgosto, da indignação moral, da paralisia e da passividade à *actividade prática*.

- Da condenação espontânea da guerra injusta ao reconhecimento das suas causas regidas por leis no sistema imperialista mundial.

- Dos efeitos da desorientação, desorganização e desmoralização pelo sistema social do modo de pensar pequeno-burguês ao *ponto de vista da classe proletária*.

- De medidas puramente defensivas a *formas ofensivas de luta*.

- De lidar com a *manipulação da opinião pública* pela guerra psicológica na preparação e na condução da guerra até à transição para a *educação activa e a consciencialização* sobre as causas sociais da guerra.

- De lidar com o anticomunismo à participação activa no movimento "Não dê chance

ao anticomunismo".

- Da actividade espontânea contra a guerra à *organização em resistência activa e luta pelo socialismo*.

A classe trabalhadora e as amplas massas precisam de experiência prática de luta, de forma que, com a ajuda dos Marxistas-Leninistas, compreendam a situação. Eles vão adquirir as suas experiências com a *transferência massiva do fardo da crise e da guerra para as massas*, o destacamento de tropas da Bundeswehr [Forças Armadas Alemãs, N.d.Tr.] em missões de guerra, a convocatória de reservistas, a abolição dos direitos e liberdades democráticas, e por aí fora.

Entre os jovens, a *luta antimilitarista* ganha um significado especial. Ela combina a *actividade prática*, por exemplo, contra a propaganda da Bundeswehr nas escolas e contra a militarização da pesquisa e da educação, *com treino e trabalho educacional*. A *luta pela forma de pensar*, contra a penetração da propaganda militarista, demagogia popular e ideologia fascista é essencial.

O *movimento militante de mulheres* é desafiado a unir-se à massa de mulheres contra a guerra imperialista e trabalhar como um elo decisivo entre o movimento operário e a resistência popular activa.

A resistência activa está intimamente ligada à luta pela preservação e expansão das *conquistas sociais*, contra a transferência do fardo da guerra e da crise, e à luta pelos *direitos e liberdades*

democráticas das massas.

A necessária resistência activa, hoje em dia, tem como objectivo a *solidariedade inquebrável com a classe trabalhadora e as amplas massas na Ucrânia* que hoje, pagam um preço elevado em sangue na luta contra a agressão imperialista da Rússia, mas também como um povo que supostamente deve arriscar o pescoço pela NATO e pela UE.

A resistência activa precisa de um programa com exigências claras:

Resistência activa contra a preparação de uma Terceira Guerra Mundial!

Fim imediato da agressão russa e retirada de todas as tropas russas da Ucrânia!

Indemnizações russas por todos os danos de guerra e punição inabalável por violações dos direitos humanos!

A neutralidade militar da Ucrânia e uma zona desmilitarizada na fronteira entre a Ucrânia e a Rússia!

Retirada de todas as tropas e armas da NATO estacionadas na Europa de Leste!

Dissolução da NATO e outras alianças de guerra bem como forças contra-revolucionárias, como a CSTO (158)!

Nada de entrega de armas e nada de apoio logístico para guerras injustas!

Levantamento do embargo de armas contra os movimentos de libertação anti-imperialistas!

Renúncia obrigatória ao primeiro uso de armas nucleares - Proibição e destruição de todas as armas ABC!

Os planos para rearmar a Bundeswehr devem ser retirados da mesa - acabar com o "fundo especial de 100 mil milhões de euros"!

Retirada de todas as tropas alemãs do exterior!

Não à passagem do fardo da crise e da guerra para as massas! Lutar por um aumento salarial!

Medidas drásticas e imediatas para a protecção ambiental! Salvar o meio ambiente da economia imperialista do lucro e da guerra!

Indispensáveis a uma resistência activa são os *princípios* de cooperação igualitária, tais como democracia ampla, suprapartidarismo, abertura ideológica com base antifascista e internacionalista, cultura democrática de debate e independência financeira.

A resistência activa contra os poderes e blocos imperialistas deve ser desenvolvida e organizada com a *perspectiva de uma força superior ao imperialismo*. A ordem do dia é a construção e o fortalecimento de uma Frente Única Antifascista e Anti-imperialista Mundial, como concebida na convocatória conjunta da ICOR e da ILPS (159).

A *organização revolucionária mundial* ICOR tomou uma posição clara nas suas *resoluções* antes e desde o início da guerra (160). Em muitos países, sobretudo na Ucrânia e na Rússia, as suas organizações-membro promovem actividades anti-

guerra, realizam trabalho educacional activo sobre o imperialismo e fortalecem as forças do socialismo. Como exemplo, este foi o título da declaração de uma reunião extraordinária do Grupo de Coordenação Internacional (ICC) da ICOR, em Maio de 2022:

„Impeçamos a Terceira Guerra Mundial, fortalecendo as forças do socialismo“.

Também a unidade da ICOR, bem como das forças da Frente Única, devem ser conquistadas *através da luta*. Ela deve superar o modo de pensar pequeno-burguês do social-chauvinismo e a subestimação dos preparativos para a Terceira Guerra Mundial, por exemplo, como um caso restrito à Europa.

O decisivo *baptismo de fogo* da ICOR será conseguir desenvolver uma *nova qualidade de internacionalismo proletário de acção* em cooperação mundial. Isto inclui o *fortalecimento da organização* da ICOR, bem como o maior desenvolvimento da *cooperação prática e da coordenação em conexão com a construção e o fortalecimento considerável dos partidos revolucionários em cada vez mais países*.

Nesta situação, para todo o revolucionário Marxista-Leninista só existe “a fuga para a frente” como descrito por Lenine:

“Se não estiver ligada à luta de classes revolucionária do proletariado, a luta pela paz não passa de uma frase pacifista de burgueses que ou são sentimentalistas ou enganam o povo... Por conseguinte, devemos ajudar as massas a derrubar

o imperialismo, sem o derrube do qual não pode haver paz sem anexações. É claro que a luta pelo derrube do imperialismo é árdua, mas as massas devem saber a verdade sobre essa árdua, mas necessária luta. As massas não devem deixar-se embalar pela esperança de que a paz é possível sem o derrube do imperialismo." (157).

- (1) – Baerbock acusa Putin de ilusões desumanas e de frias mentiras, rnd.de, 24 de Fevereiro de 2022
- (2) – Declaração política de Olaf Scholz, Chanceler da República Federal da Alemanha, 27 de Fevereiro de 2022, bundesregierung.de
- (3) – Declaração do Presidente da Federação Russa, 24 de fevereiro de 2022, en.kremlin.ru/events/presidente/transcript/speeches
- (4) – Willi Dickhut, Guerra e Paz e a Revolução Socialista, Essen, 2002, p.12; ênfase adicionada
- (5) – Carl von Clausewitz, Da Guerra, Everyman's Library, 1993, p.99
- (6) – “O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo”, Lenine, Collected Works, Vol.22, p.190
- (7) – Uma análise exaustiva da reorganização internacional da produção é providenciada no livro, *Crepúsculo dos Deuses - Götterdämmerung sobre a “Nova Ordem Mundial”*, Stefan Engel,

Essen, 2003

- (8) – Eles incluíram os países BRICS como Brasil, Rússia, Índia, China e a África do Sul e os MIST como México, Indonésia, Coreia do Sul e a Turquia em conjunto com a Argentina, a Arábia Saudita, o Qatar, os Emirados Árabes Unidos e o Irão.
- (9) – Cálculos próprios com base nos dados do Banco Mundial e da Organização Internacional do Trabalho para 2019
- (10) – Zbigniew Brzezinski, O Grande Tabuleiro de Xadrez, A Primazia Americana e seus Imperativos Geoestratégicos, Nova Iorque, 1997, p.46
- (11) – Access2Markets, “EU-Ukraine Deep and Comprehensive Free Trade Area”, trade.ec.europa.eu
- (12) – Marie Illner, “A Rússia em África: como o Kremlin estimula o sentimento anti-ocidental”, web.de, 16 de Abril de 2022
- (13) – Matthew Kroenig, foreignpolicy.com/2022/02/18/us-russia-china-war-nato-quadrilateral-security-dialogue/
- (14) Washingtonpost.com/national-security/2022/03/27/transcript-president-bidens-remarks-warsaw-march-26
- (15) “Vice-Ministro dos negócios Estrangeiros Le Yucheng participa e discursa no Quarto Fórum Internacional

- em Segurança e Estratégia”, fmprc.gov.cn, 19 de Março de 2022
- (16) Discurso especial do Secretário-geral da NATO Jens Stoltenberg, weforum.org, 24 e Maio de 2022
- (17) Membros das lideranças da economia, Estado, ou Partido na antiga e degenerada União Soviética burocrático-capitalista que, após o colapso da União Soviética privatizaram e apropriaram-se de empresas estatais dominantes no mercado
- (18) *Frankfurter Rundschau*, 25 de Abril de 2022
- (19) “Wolodymyr Selenskyj fordert Rückgabe der Krim“ (Volodimir Zelensky exige a devolução da Crimeia), zeit.de, 23 de Agosto de 2021
- (20) [Ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/news/statement-president-von-der-leyen-ukrainian-president-zelenskyy-occasion-presidents-visit-kyiv-2022-04-08_en](https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/news/statement-president-von-der-leyen-ukrainian-president-zelenskyy-occasion-presidents-visit-kyiv-2022-04-08_en)
- (21) *Demokratiematrix.de*, 20 de Maio de 2022
- (22) Thomas Gerlach, “Reichster Oligarch der Ukraine: Der Strippenzieher” (Os mais ricos Oligarcas da Ucrânia: o puxador de cordelinhos), taz.de, 23 de Março de 2022
- (23) Andreas Ernst, “Welche Rolle spielen die ukrainischen Oligarchen im Abwehrkampf gegen Russland?” (Que

papel ocupam os oligarcas ucranianos na batalha defensiva contra a Rússia?), nzz.ch, 2 de Maio de 2022

(24) Idem.; tradução do editor

(25) Anteriormente uma região autónoma da Jugoslávia; o seu parlamento declarou a sua independência como um Estado soberano em 2008.

(26) Parceria pela Paz: documento-base emitido pelos chefes de Estado e de Governo participantes na reunião do Conselho da Aliança Atlântico Norte, nato.int/cps/en/natohq/oficial_texts_24469.htm

(27) Martin A. Smith “Partnerschaft, Kalter Krieg oder Kalter Frieden?” (Parcerias, Guerra Fria, ou Paz Fria?), em: *Aus Politik und Zeitgeschichte*, bpb.de, 1 de Abril de 2009; tradução dos editores

(28) Stefan Engel, Essen, 2003, p.477

(29) “Sobre a Palavra de Ordem dos Estado Unidos da Europa”, Lenine, *Collected Works*, Vol.21, p.341

(30) Ifw-kiel.de, 10 de Maio de 2022

(31) Para além dos 30 membros da NATO, participaram os seguintes países: Suécia,

Finlândia, Áustria, Irlanda, Chipre, Malta, Israel, Qatar, Quênia, Tunísia, Austrália, Japão, Coreia do Sul e Ucrânia.

- (32) “Mehr Fortschritt wagen. Bündnis für Freiheit, Gerechtigkeit und Nachhaltigkeit“ (Ousar mais progresso. Aliança pela Liberdade, justiça e Sustentabilidade), Acordo de Coligação 2021-2025 entre SPD, Alliance90/TheGreens e o FPD, pp. 145/146
- (33) “Austin diz que os EUA querem ver as capacidades militares da Rússia enfraquecidas”, Editions.cnn.com/2022/04/25/politics/blink-en-austin-kyiv-ukraine-zelensky-meeting/index.html
- (34) Deutcher Bundestag, Document 20/1550
- (35) Rnd.de, 26 de Abril de 2022
- (36) Cryptome.org/ru-natsec2000.htm, citado em: Stefan Engel, Crepúsculo dos Deuses - Götterdämmerung sobre a “Nova Ordem Mundial, Essen, 2003, p.477
- (37) “Rechtsfragen der militärischen Unterstützung der ukraine durch NATO-

Staaten zwischen Neutralität und Konflikteinnahme“ (Questão legal relacionada com o apoio militar dos Países da NATO à Ucrânia: entre a neutralidade e a participação no conflito), Serviços de Investigação dos Bundestag, 16 de Março de 2022, tradução dos editores

(38) Swr.de, 11 de Maio de 2022

(39) Willi Dickhut, *Estratégia e Táticas da Luta de Classes*, p.54

(40) Coordenação Internacional de Partidos e Organizações Revolucionárias

(41) Carta de um camarada da MLP ao MLPD, 12 de Março de 2022, tradução dos editores

(42) Parlamento Russo

(43) Declaração do RCWP a 24 de Fevereiro de 2022, rkrp-rpk.ru; tradução dos editores

(44) “Wer beherrscht die EU?” (Quem domina a UE?), unsere-zeit.de, 14 de Abril de 2017

(45) Patrik Köbele, “Frieden geht nur mit

Russland und China” (Paz é apenas possível com a Rússia e a China), unserezeit.de, 13 de Abril de 2022

- (46) Vladimir Ilych Lenine (1870-1924), brilhante teórico Marxista e líder da proletária Revolução de Outubro de 1917 e da construção da Socialista União Soviética
- (47) Joseph Estaline, aliado próximo de Lenine que, desde 1922 até à sua morte a 5 de março de 1953 foi Secretário Geral do PCUS (Bolchevique) e reconhecido líder revolucionário da internacional Marxista-Leninista e do movimento da classe trabalhadora.
- (48) Vladimir Putin, “declaração do Presidente da Federação Russa”, en.kremlin.ru, 21 de Fevereiro de 2022
- (49) Mathias Brüggmann, “Ist Putin der zweite Stalin?” (É Putin um segundo Estaline?), handelsblatt.com, 23 de Março de 2022
- (50) “A Libertação da Ucrânia”, episódio 12 da série televisiva do EUA, *The Unknown War*, por Burt Lancaster
- (51) Citado em: Grzegorz Rossoliński-

Liebe, “Als Volksheld verehrt, als Schurke gescmäht” (Venerado como herói nacional, rejeitado como um vilão), spiegel.de, 26 de Abril de 2022

(52) Deutschlandfunkkultur.de, 13 de Abril de 2022

(53) “Scholz: “Guerra Contra Tudo O Que Constituí Democracia””, globeecho.com, 29 de Abril de 2022

(54) Florian Schillat, “warum die Ukraine der EU nicht rasch beitreten wird” (Porque é quem a Ucrânia não se irá juntar à EU tão cedo), Stern.de, 1 de Março de 2022

(55) Tribunal de Contas Europeu, “Reduzir a grande corrupção na Ucrânia: Iniciativas severas da EU, mas ainda com resultados insuficientes”, Relatório Especial 23/2021, p.4, eca.europa.eu, 23 de Setembro de 2021

(56) “Ein Leben unterhalb der Armutsgrenze” (Viver abaixo da Linha da Pobreza), humedica.org, 27 de Abril de 2021, tradução dos editores

(57) De.statista.com, 24 de Maio de 2022

(58) “Russische Gräueltaten und

Streikverbot durch die ukrainische Regierung” (Atrocidades russas e a proibição de greves pelo governo ucraniano), rf-news.de, 13 de Abril de 2022

(59) Previamente devido à crise de refugiados e à pademia da Coronavírus

(60) Citado em: “Novo estado de emergência de Orban sob fogo”, euobserver.com, 25 de Maio de 2022

(61) Proasyl.de, 1 de Abril de 2020

(62) “Orbán regiert in Ungarn witer per Notstand” (Orban continua a governar a Hungria em estado de emergência), tagesschau.de, 25 de maio de 2022

(63) Deutschlandfunk.de, 27 de Março de 2020

(64) Artigo 5 do Tratado da Aliança Atlântico Norte dá à NATO *casus foederis* (latim para “caso para a aliança”), comprometendo todos os Estado da NATO a assistir militarmente outro Estado-membro no casop de um ataque armado.

(65) Lei-base para a República Federal

Alemã (Constituição Alemã), Artigo 115a,
gesetze-im-internet.de

- (66) “Decreto de Emergência no que toca a medidas de segurança”, citado em: Willi Dickhut, Capitalismo Monopolista de Estado na República Federal da Alemanha (FRG), Vol.II, pp.284 f.
- (67) Marie Illner “CDU-Chef Merz bei “Maybrit Illner”: Harsche Kritik von der Oppositionsbank” (Chefe da CDU Merz no Talk Show “Maybrit Illner”: duras críticas do banco da oposição), web.de, 8 de Abril de 2022; tradução dos editores
- (68) Arne Perras, “Wie Indien eine Isolation Putins erschwert” (Como é que a Índia impede o isolamento de Putin), sueddeutsche.de, 17 de Março de 2022
- (69) Fr.de, 10 de Maio de 2022
- (70) Rnd.de, 25 de Abril de 2022
- (71) Handelsblatt.com, 12 de Março de 2022
- (72) Citado em: “Gigante química alemã avisa para “Colapso total” se se cortar com o Gás Russo, zero hedge.com, 1 de Abril de 2022

- (73) Jan Dams, Philipp Vetter, “Es ergibt wenig Sinn, sich selbst schärfer zu bestrafen als den Aggressor” (Não faz sentido punirmo-nos mais duramente que ao agressor), welt.de, 7 de Março de 2022
- (74) A disposição para ajudar os outros representa “um raio de luz em dias cinzentos”, bundesregierung.de, 23 de Março de 2022
- (75) “habeck: Haben hart für Ölembargo gearbeitet (abeck: Nós trabalhamos duro pelo embargo no petróleo) zdf.de, 2 de Maio de 2022
- (76) Suitbert Cechura, “Inflation, Krieg, Spekulation” (Inflação, Guerra, Especulação) heise.de, 8 de Abril de 2022
- (77) Anton Riedl, “Diese Ölspekulationen bieten bis zu 50 prozent Gewinnchance” (Estas especulações no petróleo oferecem até 50% de hipótese de lucro), wiwo.de, 18 de Maio de 2022
- (78) N-tv.de, 28 de maio de 2022
- (79) Percentagem de vendas e produção no estrangeiro de importantes monopólios internacionais alemães em 2018: BASF:

88.9/71.6; Siemens: 86.4/79.2; VW 88.7 (vendas unitárias internacionais)/ 79.1; ThyssenKrupp 70.8 (receitas de vendas internacionais)

(80) Comunicado especial pelo Secretário-Geral da NATO Jans Stoltenberg, weforum.org, 24 de Maio de 2022

(81) “Baerbock ruft zum Kampf gegen hunger auf” (Baerbock convoca para a luta contra a fome), n-tv.de, 14 de Abril de 2022

(82) Stefan Engel, p.541

(83) Coral Davenport, “Com a subida do preço do gás, as ambições climáticas de Biden esmorecem”, nytimes, 1 de Abril de 2022

(84) Dr. Hans Christoph Atzpodien “Sicherheit als “Mutter” aller Nachhaltigkeit – Zur aktuellen “Systemrelevanz” von innerer und äußerer Sicherheit” (Segurança como “mãe” de toda a sustentabilidade – sobre a “relevância do Sistema” de segurança interna e externa, Behörden Spiegel Newsletter Verteidigung. Stretkräfte. Wehrtechnik, 1 de Outubro de 2020

- (85) “Habeck präsentiert sein “Osterpaket”
(Habeck apresenta o seu pacote da Páscoa), tagesschau.de, 6 de Abril de 2022
- (86) Chauvinismo é nacionalismo extremo.
O social-chauvinismo encobre e justifica o nacionalismo com um verniz pseudo-social ou pseudo-ecológico.
- (87) Manager-magazin.de, 8 de Março de 2022
- (88) Michael Barbaro, “Mudança Climática de biden”, nytimes.com, 12 de Abril de 2022
- (89) Administração de
Informação de Energia dos EUA,
Fevereiro de 2021
- (90) Statista 2022
- (91) Unfcc.int, 29 de Abril de 2022
- (92) Epa.gov, Abril de 2021
- (93) “Scholz, Habeck und Lindner sprechen nach Klausurtagung” (Scholz, Habeck e Lindner falam após reunião à porta fechada), focus.de, 4 de Maio de 2022

- (94) Sueddeutsche.de, 4 de Março de 2022
- (95) Julian Olk, Klaus Stratmann, “Bundesregierung akzeptiert Erdgas für den Übergang” (Governo Federal aceita gás natural para transição), handelsblatt.com, 21 de Janeiro de 2022
- (96) Tagesspiegel.de, 2 de Fevereiro de 2022
- (97) BDI, “Zeitenwende – Ausstieg aus russischer Energie” (Linha divisória – optar pela saída da energia russa), 6 de Abril de 2022
- (98) Spektrum.de, 4 de Março de 2022
- (99) “Discurso do Presidente da República em Creusot sobre o futuro da energia nuclear”, 8 de Dezembro de 2020, tradução dos autores
- (100) The.bulletin.org, 27 de Abril de 2022
- (101) Armscontrol.org, Abril de 2022
- (102) Asiatimes.com, 14 de Novembro de 2021
- (103) Army.mil, 14 de Março de 2022

- (104) Hannah Lüdert, Christoph von Lieven, “Was bewirkt eine Atombombe?” (Qual é o efeito de uma bomba atômica?), greenpeace.de, 31 de Março de 2022; tradução dos autores
- (105) Idem.
- (106) Nina Tannenwald, “As armas nucleares táticas limitadas seriam catastróficas”, *Scientific American*, 10 de Março de 2022
- (107) Futurezone.at, 11 de Fevereiro de 2022
- (108) Handelsblatt.com, 29 de Julho de 2020
- (109) “Pódio Global dos 15 produtores de equipamento original para turbinas eólicas: quotas de mercado 2020”, Wood Mackenzie, download, 2 de Abril de 2022
- (110) Zeit.de, 8 de Agosto de 2021
- (111) P.Griffin, “base de dados dos principais produtores de carbono”, CDP Carbon Major Reports 2017
- (112) Agência Internacional de Energia (IAE), Carvão, Análise e previsão para 2024, pp.12 e 35

- (113) Ourworldindata.org, 10 de Junho de 2022
- (114) Idem.
- (115) Ourworldindata.org, 24 de Março de 2022
- (116) tagesschau.de, 6 de Maio de 2022
- (117) welthungerhilfe.de, 17 de maio de 2022
- (118) tagesschau.de, 8 de Abril de 2022
- (119) Freitag.de, 1 de Abril de 2022
- (120) Sipri.org, 25 de Abril de 2022
- (121) Earth.org, 12 de Novembro de 2022
- (122) Businessinsider.de, 25 de Fevereiro de 2022
- (123) Vice.com, 24 de Fevereiro de 2022
- (124) Stefan Engel, *A Crise da Ideologia burguesa e do Oportunismo*, Essen, 2022, p.226
- (125) Whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/02/19/

remarques-by-president-biden-at-the-2021-virtual-munich-security-conference/

- (126) Visão fascista, racista, anticomunista e anti-semita sobre pessoas unidas como uma comunidade por laços de sangue
- (127) En.kremlin.ru/events/presidente/news/66181, 12 de Julho de 2021
- (128) “The Conference of the R.S.D.L.P. Groups Abroad”, Lenin, *Collected Works*, vol.21, p.159
- (129) De-academic.com, 30 de Abril de 2022
- (130) Derstandard.de, 3 de Março de 2022
- (131) “Informação imparcial para mentes livres”, dw.com, 12 de maio de 2022
- (132) Manifesta de BÜNDNIS 90/DIE GRÜNEN para as Eleições parlamentares de 2021, p.232
- (133) “Grünen-Mann Hofreiter fordert neue Ukraine-Politik” (Homem verde Hofreiter apela a uma nova política para a Ucrânia), 6 de Abril de 2022, focus.de; tradução dos autores

- (134) Biografia de Anton Hofreiter, was-war-wann.de, 28 de Abril de 2022
- (135) “Offeber Brief na die Grünen” (Carta aberta aos Verdes), gruene-linke.de, 4 de Março de 2022, tradução dos autores
- (136) Citado em: Dieter Ilius, “Wir sind in Krieg ... Jetzt heißt es, militärisch zu handeln” (Estamos em guerra ... E temos que agir militarmente), rf-news.de, 5 de Março de 2022, tradução dos autores
- (137) “Thüringens Ministerpräsident Ramelow übt veemente Kritik an der eigenen Partei” (O Primeiro-Ministro da Turíngia Ramelow critica veementemente o seu próprio partido), rnd.de, 18 de Maio de 2022, tradução dos autores
- (138) Detchlandfunk.de, 14 de Janeiro de 2019
- (139) Markus Decker, “Melnyk kritisiert Scholz” (Menyk critica Scholz), rnd.de, 20 de Maio de 2022, tradução dos autores
- (140) [Theguardian.com/world/2018/mar/12/ukraine-far-right-national-militia-takes-law-into-own-hands-neo-nazi-links](https://www.theguardian.com/world/2018/mar/12/ukraine-far-right-national-militia-takes-law-into-own-hands-neo-nazi-links)

- (141) [Occrp.org/en/the-pandora-papers/pandora-papers-reveal-offshore-holdings-of-ukranian-president-and-his-inner-circle](https://occrp.org/en/the-pandora-papers/pandora-papers-reveal-offshore-holdings-of-ukranian-president-and-his-inner-circle)
- (142) ZDF Politbarometer, presseportal.zdf.de, 11 de Março de 2022
- (143) Rnd.de, 3 de Maio de 2022
- (144) Lenine, “On the Defense of tghе Fatherland Issue”, *Collected Works*, Vol.23, p.161
- (145) Contradições irreconciliáveis
- (146) Rnd.de, 24 de Março de 2022
- (147) “Ukraine-krieg: Zahnloser UN Sicherheitsrat” (Guerra na Ucrânia: Conselho de Segurança da ONU sem dentes), [dw.com](https://www.dw.com), 2 de maio de 2022
- (148) “The Collapse of the Second International”, Lenine, *Collected Works*, Vol.21, pp.213 f.
- (149) Carl von Clausewitz, *Da Guerra*, Everyman’s Library, 1993, p.85
- (150) Rf-news.de, 23 de Maio de 2022
- (151) “Presidente Khugaev apresentou uma

análise detalhada da situação internacional”, komros.info, 30 de Março de 2022; tradução do russo pelos autores

(152) Discurso do presidente da Federação Russa, 21 de Fevereiro de 2022, en.kremlin.ru/events/presidente/news/67828

(153) Andrea Hornung, “Wir wollen Frieden! Nein zur Aufrüstung!” (Nós queremos paz! Não ao armamento!), unsere-zeit.de, 23 de março de 2022; tradução dos autores

(154) Idem.

(155) Oskar Lafontaine “Warum ich aus der Partei Die Linke ausgetreten bin” (Porque é que abandonei o Partido *A Esquerda*), oskar-lafontaine.de, 17 de Março de 2022, tradução dos autores

(156) *Program of te Marxist-Leninist Party*, Essen, 2016, p.146

(157) “Politischen Referat des Zentralkomitees der MLPD” (Relatório político do CC do MLPD), 1984, p.34 (na Alemanha)

(158) Organização do Tratado de Segurança Colectiva. Os seus membros são a

Rússia, a Bielorrússia, o Cazaquistão, Quirguistão, Arménia e o Tajiquistão. No início de 2022, CSTO levou a cabo acções contrarrevolucionárias reprimindo uma rebelião de trabalhadores no Cazaquistão, matando centenas de pessoas.

(159) Icor.info, 30 de Dezembro de 2019

(160) “Resistência activa contra a guerra psicológica, os preparativos de guerra imperialistas e as ameaças no conflito Ucrânia-Rússia!”, 14 de Fevereiro de 2022, e “A ICOR Hasteia a Bandeira de Lenine - Pelo Direito à Autodeterminação das Nações!”, 4 de Março de 2022, icor.info

(161) “To the International Socialist Committee (I.S.C.)”, Lenine, *Collected Works*, Vol.21, pp.373 f.